Organizadores
Vicente de Paula da Silva Martins
Márton Tamás Gémes
Expedito Eloísio Ximenes
Rosemeire Selma Monteiro Plantin
Adail Ubirajara Sobral

OUTROS MUNDOS À VISTA

III COLÓQUIO NACIONAL DE FRASEOLOGIA PORTUGUESA

De 23 a 27 de junho de 2025
Evento Online

Pedro & João editores

OUTROS MUNDOS À VISTA

III Colóquio Nacional de Fraseologia Portuguesa: Interfaces entre Língua, Literatura e Cultura

Homenagem Póstuma à Maria Luisa Ortiz Alvarez

Pedro & João editores
20 Años

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL
Prof. Dr. Vicente de Paula da Silva Martins (UVA)

PALESTRANTES
Prof. Doutorando Marcelo Eduardo Rodrigues Okazaki (Unesp - FCLAr)
Prof. Dr. Diogo Pinheiro (UFRJ)
Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes (UECE - PRAETECE)
Prof. Dr. Márton Tamás Gémes (UVA)
Prof. Dr. Wellington Costa (IFCE/Crateús)
Prof. Dr. Vicente de Paula da Silva Martins (UVA - PRAETECE)
Prof.ª Doutoranda Dayane Pereira Barroso de Carvalho (PGLLIT / UFNT)
Prof.ª Mestranda Ana Paula Queiroz de Oliveira Lima (UECE - PRAETECE)
Profa. Dra. Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes (UVA)
Prof.ª Dra. Rosemeire Selma Monteiro Plantin (UFC)

COMISSÃO CIENTÍFICA
Prof.ª Dra. Rosemeire Selma Monteiro Plantin (UFC)
Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral (FURG)
Prof. Dr. Vicente de Paula da Silva Martins (UVA)
Prof. Dr. Antonio Glaudenir Brasil Maia (UVA)
Prof. Dr. Francisco Vicente de Paula Júnior (UVA)
Prof. Dr. Jessé de Sousa Mourão (UVA)
Prof. Dr. Márton Tamás Gémes (UVA)
Prof. Dr. Valdemir Miotello (UFSCar)

EQUIPE DE MONITORES (E REVISORES)
Ariane Parente de Oliveira (UVA)
Christian Gomes Seidl (UVA)
Edite Brenda Garcia Barreto (UVA)
Elisandra Ramos de Carvalho (UFF)
Francisco Eduardo (UVA)
Jarliso da Silva Almeida (UNIPLAN)
Lilian Vaz Quevedo (FURG)
Maiko Matheus Santos Barros (UEPA)
Maria Alane Rosa (UVA)
Maria José Grisaro (USP)
Maria Rochelly Ferreira de Souza (UVA)

Vicente de Paula da Silva Martins
Márton Tamás Gémes
Expedito Eloísio Ximenes
Rosemeire Selma Monteiro Plantin
Adail Ubirajara Sobral
(Organização)

OUTROS MUNDOS À VISTA

Programação e Perfis Acadêmicos dos Palestrantes
III Colóquio Nacional de Fraseologia Portuguesa: Interfaces entre Língua, Literatura e Cultura

Homenagem Póstuma à Maria Luisa Ortiz Alvarez

De 23 a 27 de junho de 2025
Evento On-line

20 Anos
Pedro & João editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Vicente de Paula da Silva Martins; Márton Tamás Gémes; Expedito Eloísio Ximenes; Rosemeire Selma Monteiro Plantin; Adail Ubirajara Sobral [Orgs.]

Outros mundos à vista: III Colóquio Nacional de Fraseologia Portuguesa: Interfaces entre Língua, Literatura e Cultura. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 111p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-2060-4 [Digital]

1. Fraseologia. 2. Literatura. 3. Cultura. 4. Língua. I. Título.

CDD – 410

Capa: Luidi Belga Ignacio
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828
Diagramação: Diany Akiko Lee
Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2025

Sumário

Apresentação 7
A homenageada 25
Programação 49
Resumos 57
Sobre o Idealizador do III Colóquio 69
Fraseologia extraída de *Dona Guidinha do Poço* (1952) 75
Fraseologia extraída de *Luzia-Homem* (1903) 97

Apresentação

Pelo fruto se conhece a árvore.
(Mateus 12:33)

O III Colóquio Nacional de Fraseologia Portuguesa: Interfaces entre Língua, Literatura e Cultura, que acontecerá totalmente online entre os dias 23 e 27 de junho de 2025, conta com o apoio da PROEX – Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, CENFLE – Centro de Filosofia, Letras e Educação e da Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA/Sobral/Ceará). O evento se propõe a ser um espaço de encontro acadêmico, estimulando uma análise profunda da Fraseologia. Utilizando a metáfora do fruto e da árvore, o colóquio revela como expressões fixas, provérbios e ditados refletem a alma de uma sociedade, suas histórias e os valores que fundamentam sua identidade.

A proposta central é celebrar a língua portuguesa em sua complexidade, explorando suas interações com literatura, cultura e transformações sociais. A fraseologia, frequentemente marginalizada nos estudos linguísticos, ganha destaque, sendo reconhecida como uma ferramenta vital para decifrar as dinâmicas históricas e sociais que moldam os discursos e comportamentos coletivos. Durante os cinco dias de discussões intensas, o evento proporcionará uma nova visão da fraseologia, entendida não apenas como construção linguística, mas como um reflexo vivo das identidades culturais e sociais.

Este colóquio se distingue por seu caráter nacional, reunindo pesquisadores, professores e estudantes para aprofundar o estudo da fraseologia e sua relevância na formação da cultura. Ao integrar diferentes áreas do saber, como literatura, filosofia, história e ciências sociais, o evento cria um espaço de diálogo interdisciplinar, em que a fraseologia se torna um elo entre os campos de estudo, oferecendo uma visão holística de como a linguagem reflete e transforma a sociedade.

Em um mundo em que a linguagem vai além do código formal e se mescla com novas formas de expressão proporcionadas pelas tecnologias, o colóquio propõe uma análise da fraseologia no contexto digital, revelando como essas expressões aparentemente simples têm o poder de influenciar comportamentos e transformar estruturas de poder. Além disso, a fraseologia oferece uma janela única para compreender as mentalidades coletivas e os valores compartilhados, permitindo rastrear as grandes transformações históricas e sociais que moldam os discursos e a comunicação.

O evento também se volta para o papel da literatura na preservação e renovação dessas expressões. A literatura popular, por exemplo, mantém viva a sabedoria popular e as tradições, ao mesmo tempo em que se adapta aos novos tempos. Nesse encontro, a fraseologia será analisada como uma ferramenta que permitirá compreender as dinâmicas sociais e culturais que definem o comportamento humano, oferecendo *insights* sobre como a linguagem cotidiana transmite valores e influencia as esferas de poder.

Ao adotar uma abordagem interdisciplinar, o colóquio promove uma reflexão rica sobre como a fraseologia, ao se conectar com diferentes áreas do conhecimento, pode contribuir para a construção de um entendimento mais profundo sobre as relações de poder e as dinâmicas culturais que moldam a sociedade. Além disso, o evento explora o impacto das inovações tecnológicas no estudo da fraseologia, ampliando as fronteiras do conhecimento, ao mesmo tempo em que mantém a conexão com a cultura e as dinâmicas sociais.

O III Colóquio Nacional de Fraseologia Portuguesa se posiciona como uma plataforma de intercâmbio acadêmico, oferecendo uma oportunidade única para explorar *Outros Mundos*[1] sobre o estudo da fraseologia, abordando o campo através de metodologias digitais e interdisciplinares. Com isso, o evento não apenas resgata as tradições

[1] A expressão 'Outros Mundos' foi inicialmente concebida como atividade de extensão dentro do projeto 'Outros Mundos – Leituras no Multiverso da Literatura', de autoria do professor Márton Tamas Gémes. Este projeto é atualmente direcionado aos alunos do Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), na cidade de Sobral.

do estudo da língua portuguesa, mas também antecipa as futuras fronteiras desse conhecimento, mantendo sempre seu vínculo com a cultura, a história e a sociedade.

Assim, ao celebrar a fraseologia como o fruto da árvore cultural e social, o colóquio proporciona uma reflexão profunda sobre o papel essencial da linguagem na construção e transformação das identidades culturais, sociais e históricas.

O III Colóquio Nacional de Fraseologia Portuguesa conta com uma coordenação acadêmica composta por professores e monitores que desempenham um papel essencial na organização e execução do evento. O time de coordenadores é liderado pelos professores Vicente de Paula da Silva Martins (UVA), Márton Tamás Gémes (UVA), Expedito Eloísio Ximenes (UECE), Rosemeire Selma Monteiro Plantin (UFC) e Adail Ubirajara Sobral (FURG), cujas trajetórias acadêmicas consolidadas e pesquisas em fraseologia e linguística aplicada asseguram a qualidade científica do colóquio.

Além disso, o evento conta com o apoio fundamental dos monitores Ariane Parente de Oliveira (UVA), Mateus Pinto (Angola), Christian Gomes Seidl (UVA), Edite Brenda Garcia Barreto (UVA), Elisandra Ramos de Carvalho (UFF), Francisco Eduardo (UVA), Jarliso da Silva Almeida (UNIPLAN), Lilian Vaz Quevedo (FURG), Maiko Matheus Santos Barros (UEPA), Maria Rochelly Ferreira de Souza (UVA) e Maria José Grisaro (USP), que, com suas contribuições práticas e teóricas, enriquecem a experiência dos participantes e reforçam a interdisciplinaridade que caracteriza o colóquio.

A proposta central do colóquio é refletir sobre as múltiplas intersecções entre a língua, a literatura e a cultura, destacando o papel crucial da fraseologia na formação crítica e cultural dos cidadãos. Em um mundo cada vez mais globalizado e em constante transformação, o evento se dedica a explorar como as unidades fraseológicas – como expressões idiomáticas, ditados e provérbios – não apenas funcionam como recursos linguísticos, mas também como poderosos elementos de construção e resistência cultural. Ao abordar a interdisciplinaridade dos estudos linguísticos, o colóquio oferece uma reflexão profunda

sobre a importância da linguagem na constituição da identidade coletiva e no fortalecimento da cidadania crítica.

Essa troca de saberes, aliada à troca constante entre especialistas e estudantes, constitui o coração do evento, que busca não apenas o avanço do conhecimento acadêmico, mas também uma aplicação prática e transformadora dos estudos linguísticos no contexto social contemporâneo.

O colóquio contará com uma programação diversificada e rica em temas contemporâneos e históricos, todos voltados para o estudo da fraseologia portuguesa. Os participantes serão convidados a refletir sobre a evolução da língua portuguesa, suas transformações, e sobre como fatores culturais e sociais influenciam a forma como a linguagem é usada e entendida. Ao longo de cinco dias de evento, serão realizadas palestras que explorarão as interações entre língua, literatura e cultura, oferecendo uma perspectiva abrangente sobre o papel da fraseologia na formação e transformação da linguagem, com um olhar atento às influências sociais, políticas e tecnológicas.

A cerimônia de abertura será no dia 23 de junho de 2025, com a Palestra 1 - Conferência de Abertura, intitulada "A Pesquisa Linguística em Perspectiva Interdisciplinar", ministrada pelo Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes, da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e coordenador do grupo PRAETECE. O Prof. Dr. Ximenes, especialista em Filologia e Linguística, com mestrado, doutorado e pós-doutorado em Linguística e pós-doutorado em Filologia da Língua Portuguesa, é um dos principais pesquisadores na área de linguística crítica e história do Ceará. Durante a conferência, ele abordará a importância da interdisciplinaridade nos estudos linguísticos, destacando como lexicalidade e fraseologias desempenham um papel fundamental na formação crítica da sociedade. Sua palestra se concentrará em como essas unidades linguísticas podem ser analisadas a partir de uma perspectiva ampla e integrada, que envolve não só a linguística, mas também áreas como história, literatura, direito e cultura.

Essa reflexão será aprofundada pela análise de textos de diferentes âmbitos: históricos, jurídicos, literários e cotidianos, incluindo textos

que circulam em ambientes virtuais. Para o Prof. Ximenes, estudar esses discursos sob uma perspectiva interdisciplinar permite que compreendamos não apenas as manifestações linguísticas, mas também as dinâmicas sociais e culturais que elas carregam. Ele ressaltará que os textos, independentemente de sua origem ou temporalidade, são manifestos de sentido, que podem ser compreendidos de maneira mais profunda quando analisados de forma crítica e contextualizada.

A interdisciplinaridade é um tema central na conferência de abertura, que busca integrar os saberes de diversas áreas do conhecimento. Ao considerar que a linguagem é o veículo por meio do qual qualquer discurso se realiza e se materializa, Ximenes propõe que o estudo da fraseologia não deve ser limitado ao âmbito linguístico. Pelo contrário, ele enfatiza que é fundamental adotar uma abordagem que contemple também os aspectos culturais e históricos presentes nos textos, entendendo as expressões linguísticas como um reflexo das condições sociais e culturais de sua produção.

Esse olhar mais abrangente sobre os textos é essencial para a formação crítica dos cidadãos, especialmente em um momento de intensas transformações sociais, políticas e tecnológicas. Discutir a língua e suas formas de realização vai muito além de um exercício acadêmico. Para o Prof. Ximenes, essa discussão é crucial para a formação de estudantes em todas as áreas do conhecimento, pois ela contribui para o desenvolvimento de uma visão crítica sobre o mundo e sobre as construções sociais que estão presentes nas linguagens que usamos no cotidiano.

Além de suas contribuições acadêmicas, o Prof. Ximenes tem um envolvimento ativo com a pesquisa histórica no estado do Ceará, particularmente no campo da filologia e na análise de textos manuscritos. Ele é coordenador do grupo de pesquisa PRAETECE, que investiga práticas de edição de textos e documentos históricos cearenses, e orienta trabalhos de iniciação científica, mestrado e doutorado sobre temas relacionados à linguística e à história local. Sua expertise será fundamental para o colóquio, pois ele trará uma perspectiva sobre como a história local pode ser lida e interpretada

por meio de suas unidades fraseológicas e como esses elementos linguísticos estão imersos em contextos históricos e culturais específicos.

A Palestra 1 do Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes será uma oportunidade singular para os participantes do colóquio compreenderem a importância da interdisciplinaridade nos estudos linguísticos e refletirem sobre como a fraseologia pode ser utilizada como ferramenta para analisar, interpretar e criticar as dinâmicas sociais, culturais e históricas que permeiam o uso da língua portuguesa. O evento será, assim, um espaço de aprendizado não apenas sobre a linguística em si, mas também sobre como a linguagem é um reflexo e uma força formadora de realidades socioculturais e políticas.

A Palestra 2 do III Colóquio Nacional de Fraseologia Portuguesa, intitulada "Violência Institucionalizada contra Menores no Ceará Oitocentista: Uma Análise dos Termos de Soldada sob a Perspectiva da Análise de Discurso Crítica (ADC)", será ministrada pela Profª Mestranda Ana Paula Queiroz de Oliveira Lima, da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e membro do grupo PRAETECE. Nesta palestra, orientada pelo professor Expedito Xiemenes, a professora Ana Paula compartilhará os resultados de sua pesquisa de mestrado, que tem como corpus de análise os Termos de Soldada, documentos históricos do final do século XIX, encontrados no acervo do Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC). Esses documentos, produzidos entre 1883 e 1888, revelam um triste capítulo da história social e jurídica do Ceará, mostrando como muitas crianças órfãs, algumas ex-escravizadas, continuaram a ser submetidas a formas de trabalho escravo, embora de maneira legalizada.

A pesquisa se baseia na Análise de Discurso Crítica (ADC), uma abordagem teórica que permite examinar os discursos institucionalizados presentes nos Termos de Soldada. Ana Paula utilizará o modelo de edição semidiplomática proposto pelo grupo PRAETECE para analisar os textos desses documentos, focando principalmente nos discursos dos representantes do Estado (como juízes de órfãos, escrivães e locatários), que evidenciam como práticas

de subordinação social e jurídica foram naturalizadas e perpetuadas ao longo do tempo. Ao fazer isso, a palestrante busca compreender a maneira como as relações de subordinação e exploração eram legalmente sancionadas, ao mesmo tempo em que destaca as consequências dessas práticas para os menores órfãos da época.

O Termo de Soldada era um documento contratual que estabelecia um pagamento de um "soldo" (uma espécie de salário) aos menores órfãos, mas que só seria recebido quando atingissem a maioridade, aos 18 anos. Esse valor era retido na caixa econômica, e os locatários (pessoas responsáveis pelo cuidado das crianças) tinham a obrigação de cuidar da saúde, ensinar atividades domésticas e, em alguns casos, até mesmo oferecer educação básica. Contudo, apesar de a relação ser contratualmente formalizada, ela apresentava características muito próximas ao trabalho escravo, uma vez que os menores estavam submetidos a um tipo de exploração que, mesmo sendo legalizada, perpetuava o abuso e a privação de liberdade.

A palestra se aprofundará na continuidade das relações de subordinação e na forma como a violência institucionalizada contra os menores se perpetuou através dessas práticas legais. A análise das figuras de poder envolvidas nos Termos de Soldada, como os locatários e os representantes do Estado, será vital para refletir sobre o impacto dessas práticas na sociedade cearense e suas repercussões nas relações sociais da época. Este estudo não só visa resgatar a importância desses documentos como fontes históricas, mas também refletir sobre como as estruturas de opressão e exploração foram incorporadas no sistema jurídico e nas práticas cotidianas, evidenciando as raízes profundas da violência contra as populações mais vulneráveis.

Sobre a Palestrante, Ana Paula Queiroz de Oliveira Lima é graduada em Letras Português pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em História e Letras (PPGIHL/UECE). Sua pesquisa se concentra no estudo do léxico da violência contra menores de idade no Ceará do final do século XIX, particularmente através do gênero documental Termo de Soldada. Ana Paula é também membro ativo

do grupo de pesquisas PRAETECE, onde se dedica ao estudo e à edição de textos históricos, com um foco específico na análise das relações de poder, subordinação e violência presentes nos documentos do período. Sua contribuição no colóquio será um importante momento de reflexão sobre como as estruturas de dominação e violência institucional continuaram a moldar a sociedade cearense no século XIX, e como esses legados ainda podem reverberar na atualidade.

Este estudo tem grande relevância para a compreensão das dinâmicas sociais e jurídicas da época e traz uma análise crítica e histórica das consequências da legitimação do trabalho escravo e da violência contra a infância. A pesquisa da Profª Ana Paula Lima amplia o debate sobre a continuidade das relações de exploração e subordinação no Brasil, oferecendo uma perspectiva crucial sobre os desafios enfrentados por crianças órfãs e ex-escravizadas, cujas vidas foram impactadas pela aplicação de normas jurídicas que, em vez de protegê-las, perpetuaram um sistema de exploração legalizada.

A Palestra 2 de Ana Paula Queiroz de Oliveira Lima será uma oportunidade ímpar para refletirmos sobre os aspectos institucionais e discursivos da violência contra menores no século XIX no Ceará, através da análise crítica de documentos históricos que ilustram a violência institucionalizada e as formas de subordinação legalizadas, contribuindo significativamente para o entendimento das relações de poder e exclusão social no Brasil daquele período.

No dia 24 de junho de 2025, o III Colóquio Nacional de Fraseologia Portuguesa contará com a Palestra 3, ministrada pelo Prof. Dr. Wellington Costa, do Instituto Federal do Ceará (IFCE). O tema da palestra será "Lexicografia e Lexicologia: Cultura e Produção Linguística", e o professor Costa irá explorar como esses dois campos da linguística e lexicografia/lexicologia estão profundamente interligados à cultura e à semântica. Ambas as áreas desempenham um papel essencial no entendimento da língua, especialmente quando se trata de como a língua se manifesta na sociedade, refletindo as dinâmicas culturais e sociais de diversas regiões do Brasil. Durante sua fala, o professor destacará o impacto da lexicografia e da lexicologia

no ensino da língua portuguesa, abordando como esses campos contribuem para a formação de profissionais de ensino e para o entendimento mais amplo da linguagem em contextos diversos.

A palestra de Wellington Costa se propõe a discutir com estudantes e pesquisadores a importância da lexicografia e da lexicologia em suas intensas relações com a cultura, semântica e pragmática. O professor refletirá sobre como essas disciplinas têm sido essenciais para o avanço do estudo da língua portuguesa e para a formação crítica dos docentes, destacando sua relevância no campo da linguística aplicada e nas metodologias de ensino que permeiam a prática pedagógica do ensino da língua.

A lexicografia e a lexicologia são áreas fundamentais para compreender o significado e o uso das palavras, considerando seu papel na formação de dicionários, vocabulários especializados e outros instrumentos linguísticos. No entanto, como o professor Costa propõe, essas disciplinas não são apenas técnicas ou metodológicas, mas estão intrinsecamente ligadas ao processo de produção linguística que ocorre no cotidiano das diferentes regiões do Brasil. A cultura e as práticas sociais moldam as palavras e as expressões que usamos, e, por sua vez, as palavras e expressões presentes na língua portuguesa podem influenciar e refletir a cultura em que estão inseridas. Este entrelaçamento entre linguagem e cultura será um dos pontos centrais da palestra, com um olhar atento às variações linguísticas e suas implicações nas dinâmicas sociais e educacionais.

O Prof. Dr. Wellington Costa é doutor em Linguística pela Universidade de Évora (Portugal), com uma tese intitulada”Culturemas da gastronomia cearense: contributos para a fraseologia da língua portuguesa". Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará e graduado em Letras pela mesma instituição, Costa tem uma sólida formação acadêmica que integra linguística, educação e cultura. Atualmente, ele é professor efetivo no Instituto Federal do Ceará (IFCE - campus Crateús), onde coordena o grupo de pesquisa “Estudos Linguísticos Interdisciplinares". O professor também é membro da Associação Internacional de Linguística do Português (AILP) e possui vasta experiência nas áreas

de Metodologias de Pesquisa, Ensino de Língua Portuguesa, Análise do Discurso, Lexicografia e Lexicologia.

A palestra de Wellington Costa será uma excelente oportunidade para os participantes do colóquio refletirem sobre a importância dessas áreas da linguística para a formação acadêmica e profissional dos docentes, além de apresentar novos caminhos para a análise da língua portuguesa em sua diversidade e complexidade. Ao discutir as relações entre cultura, linguagem e ensino, Costa ajudará a destacar a importância de se considerar o contexto cultural nas práticas de ensino e pesquisa em linguística, algo fundamental para a construção de um conhecimento mais amplo e inclusivo sobre a língua portuguesa.

No dia 25 de junho de 2025, o III Colóquio Nacional de Fraseologia Portuguesa contará com a Palestra 4, ministrada pela Profª Doutoranda Dayane Pereira Barroso de Carvalho, da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). O tema da palestra será"Análise do Valor Semântico e Variação Linguística em Provérbios e Ditados Populares Brasileiros com ChatGPT e AntConc: Um Experimento". Nesta palestra, a professora Dayane apresentará um estudo inovador que explora o uso de Inteligência Artificial (IA) para a análise de provérbios e ditados populares brasileiros. Utilizando ferramentas como o ChatGPT e o AntConc, ela demonstrará como essas tecnologias podem identificar padrões semânticos que refletem valores sociais e culturais no Brasil, permitindo uma compreensão mais profunda de como as expressões populares evoluem ao longo do tempo e como elas carregam as percepções de mundo dos brasileiros.

O estudo foi motivado por um fenômeno viral nas redes sociais, conhecido como"complete a frase", no qual crianças são desafiadas a completar provérbios ou ditados populares brasileiros, resultando em respostas criativas e, muitas vezes, inesperadas. Esse jogo foi a inspiração para o experimento que a palestrante desenvolveu, com o objetivo de compreender como essas expressões refletem valores culturais e formas de comportamento que têm sido historicamente compartilhadas na sociedade brasileira. O estudo articulou o uso de

IA generativa, como o ChatGPT, com o software AntConc, um programa de análise linguística, para analisar e identificar padrões e tendências semânticas nas expressões populares.

Embora o estudo tenha uma amostra limitada, já que os dados foram retirados de apenas dois sites, o que restringe o escopo do corpus analisado, os resultados apresentados revelam padrões interessantes nas expressões estudadas. A pesquisa observou que muitos provérbios populares brasileiros destacam valores como a importância da paciência para alcançar o êxito, a prudência nas relações e decisões cotidianas, além de enfatizar a responsabilidade sobre as próprias ações. Esses achados permitem uma reflexão mais ampla sobre a sabedoria popular brasileira, revelando como a linguagem e as expressões transmitidas oralmente ao longo das gerações servem para orientar as práticas sociais e as relações interpessoais no país.

A pesquisa também levanta uma questão importante sobre a aplicação das tecnologias de IA na linguística e análise de discurso, especialmente ao usar ferramentas como o ChatGPT e o AntConc. A avaliação da adequação e eficácia dessas tecnologias para a pesquisa linguística fica a critério dos pesquisadores e leitores, sendo um ponto de reflexão dentro do campo da linguística aplicada.

A Profª Dayane Pereira Barroso de Carvalho é doutoranda em Linguística e Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLLIT) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Possui mestrado em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL) e é membro do Grupo de Estudos Linguísticos do Maranhão (GELMA/UEMASUL) e do Grupo de Estudos do Dicionário (GEDI/UFNT). Sua pesquisa de doutorado foca na variação terminológica dentro do domínio especializado da Sociolinguística, e ela tem se dedicado a estudos de linguística aplicada, com ênfase na análise da variação linguística e no uso de tecnologias para o estudo da língua portuguesa.

Com essa abordagem inovadora e interdisciplinar, a palestra de Dayane Carvalho oferecerá novas perspectivas sobre o estudo dos

provérbios e ditados populares, ao mesmo tempo em que abre um debate sobre o papel da inteligência artificial na análise linguística e na interpretação cultural dos dados de linguagem.

No dia 25 de junho de 2025, o III Colóquio Nacional de Fraseologia Portuguesa contará com a Palestra 5, intitulada"Rastros do Sagrado: A Dessacralização das Expressões de Origem Bíblica na Literatura Brasileira do Século XIX", apresentada pelos professores Vicente de Paula da Silva Martins, Márton Tamás Gémes e Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes, todos da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e membros do grupo PRAETECE.

A palestra irá explorar como as expressões de origem bíblica, como"ter a paciência de Jó", foram ironicamente utilizadas na literatura brasileira do século XIX, marcando um processo de dessacralização das normas religiosas e sociais da época. Ao analisar como esses termos bíblicos foram distorcidos e transformados em metáforas críticas, os palestrantes demonstrarão como a literatura brasileira do período imperial contribuiu para questionar e reconfigurar as normas morais e sociais que moldavam as relações interpessoais na sociedade.

A análise proposta pelos palestrantes foca no uso das expressões bíblicas, especialmente aquelas relacionadas à figura de Jó, em autores do século XIX como José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo, que ironizam e subvertem o significado original das expressões. O estudo se baseia nas teorias de Émile Benveniste sobre blasfêmia e eufemia, destacando como a literatura se apropria dessas expressões para desconstruir a sacralidade religiosa, transformando-as em símbolos críticos. A ironia empregada por esses autores permite uma reflexão sobre a transgressão das normas religiosas, ao mesmo tempo em que aponta para uma nova forma de pensar a moralidade, o sofrimento e a fé no contexto social brasileiro da época.

Além disso, o estudo recorre à reflexão de Martin Puchner sobre a Bíblia como um texto fundamental da cultura ocidental, mostrando como a Revolução Iluminista levou à leitura da Bíblia como uma obra literária e histórica, distanciando-a da exegese tradicional e

ampliando suas interpretações. A pesquisa revela, assim, o papel da literatura brasileira na reconstrução das normas morais e nas relações sociais, enquanto questiona a hierarquia entre o sagrado e o profano no Brasil do século XIX.

Sobre os palestrantes:

- Vicente de Paula da Silva Martins é professor de Linguística na UVA desde 1994, com experiência em Literatura Brasileira e Educação. Com pós-doutorado na área de Linguística, ele se dedica ao estudo dos culturemas e sua aplicação em contextos literários. Seus trabalhos incluem fraseologia, literatura e a análise de expressões culturais no Brasil.
- Márton Tamás Gémes possui graduação e doutorado em Lusitanistik pela Universidade de Köln (Alemanha) e tem experiência em Literatura de Língua Portuguesa, com ênfase em narratologia e literatura fantástica. Desde 2015, é professor de Literatura Inglesa na UVA. Sua pesquisa abrange as intersecções entre literatura comparada e as influências culturais nas obras literárias brasileiras.
- Ivaldinete de Araújo Delmiro Gemes realizou Estágio Pós-Doutoral pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente na Universidade Federal da Paraíba, com destaque para o Ecofeminismo. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2012), Mestra em Ciências Sociais pela UFPB (1996) e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (1990). Possui Graduação em Licenciatura Plena em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (1992). Atualmente, exerce o cargo de professora adjunta na Universidade Estadual Vale do Acaraú. Tem experiência nas áreas de Antropologia das Relações de Gênero, Antropologia das Relações Étnico-Raciais, Sociologia e Teoria Política. Realizou pesquisas sobre migrações na Alemanha e no Brasil e estuda temas como: negritudes, Estudos Feministas, políticas para as mulheres, Educação, trabalho, lazer, religião, Travestilidades, Homossociabilidades e movimentos sociais. Atualmente é ativista dos Direitos Humanos, ambientalista e antirracista. Ensina as disciplinas de Lógica e Crítica, Projeto de

Pesquisa, Sociologia da Educação, Teoria Política e Antropologia do Corpo. Também é professora/tutora do PET/EQUIDADE em Saúde. Membro da Associação Brasileira das Pesquisadoras Negras e da Sociedade Brasileira de Sociologia.

Juntos, os palestrantes irão proporcionar uma análise profunda sobre a maneira como as expressões de origem bíblica, presentes na literatura brasileira do século XIX, foram reescritas e desafiaram as normas sociais e religiosas, marcando uma transição importante no pensamento moral da sociedade brasileira. A palestra se propõe a oferecer uma reflexão crítica sobre o papel da literatura na dessacralização de valores e na construção de novas formas de entendimento sobre o sagrado e o profano.

No dia 26 de junho de 2025, o III Colóquio Nacional de Fraseologia Portuguesa contará com a Palestra 6, intitulada "Reflexões Introdutórias sobre os Graus de Fixação e Idiomaticidade em Unidades Fraseológicas nas Redes Sociais", ministrada pelo Prof. Dr. Marcelo Eduardo Rodrigues Okazaki, da UNESP. Nessa palestra, Okazaki discutirá como as redes sociais digitais se tornaram um terreno fértil para a criação de novas unidades lexicais e para a ressignificação de expressões previamente estabelecidas. O professor explorará a produtividade neológica observada nas redes sociais e como a estabilidade formal e a opacidade semântica dessas unidades variam conforme o contexto sociocultural e enunciativo.

A palestra irá abordar como a linguagem virtual se constitui como um campo privilegiado para a emergência, circulação e sedimentação de novas unidades fraseológicas. O avanço tecnológico e as transformações nas práticas sociais impulsionaram uma mudança profunda nos modos de interação, o que tem levado à criação de neologismos e à ressignificação de expressões previamente estabelecidas. Nesse sentido, o objetivo da palestra é refletir sobre o papel das redes sociais na criação e estabilização dessas novas expressões, destacando a fixação estrutural e a opacidade semântica dessas unidades, que variam dependendo do contexto sociocultural e das práticas enunciativas dos usuários.

O professor Okazaki pretende analisar como as redes sociais não apenas permitem a emergência de novas expressões linguísticas, mas também como elas podem transformar unidades fraseológicas em símbolos amplamente reconhecidos e estabilizados. Esse processo de criação e ressignificação, muitas vezes marcado por variações nos níveis de fixação formal e semântica, configura um espaço dinâmico de inovação linguística, onde a adaptação das expressões ocorre de maneira fluida e em sintonia com as práticas culturais e sociais contemporâneas.

O professor Marcelo Eduardo Rodrigues Okazaki é graduado em Letras (Português-Inglês) pela UNESP de Araraquara, onde também concluiu seu Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa (2021-2023) e atualmente realiza seu Doutorado na mesma instituição (2024-2028). Seus principais temas de pesquisa envolvem as Ciências do Léxico, com especialização em neologismos e terminologia. Durante o mestrado, Okazaki trabalhou com a análise de neologismos no contexto de jogos online, e no doutorado, ele foca na terminologia dos esportes eletrônicos, tendo como resultado a elaboração de um dicionário terminológico dos e-Sports. Com sua abordagem, o palestrante proporcionará uma reflexão valiosa sobre as dinâmicas linguísticas nas redes sociais, ilustrando a inovação fraseológica e sua estreita conexão com a cultura digital contemporânea.

Ainda no dia 26 de junho de 2025, a Palestra 6, ministrada pelo Prof. Dr. Diogo Pinheiro da UFRJ, abordará os marcadores pragmáticos, a normatividade e a metanormatividade nas construções idiomáticas “VÊ/VEJA SE”. A palestra discutirá como essas construções são utilizadas na comunicação cotidiana, especialmente para expressar repreensões preventivas ou buscar a corroboração do interlocutor. A análise será baseada em dados extraídos do Corpus do Português, proporcionando uma visão detalhada sobre o papel essencial dessas expressões na construção do significado e na comunicação.

A palestra, intitulada “Marcadores pragmáticos, normatividade e metanormatividade: o caso das construções 'VÊ/VEJA SE'”, descreve como duas construções idiomáticas com VÊ/VEJA SE (ilustradas por enunciados como “Vê se me devolve meu livro” e”Veja se meio-dia é

hora de acordar") são usadas no português brasileiro contemporâneo, fundamentando-se na Gramática de Construções Baseada no Uso. Do ponto de vista metodológico, a palestra se apoiará em uma análise quantitativa e qualitativo-interpretativa de dados do Corpus do Português. Os dados mostram que essas construções são especializadas: a primeira tem a função de dirigir uma repreensão preventiva ao interlocutor, enquanto a segunda busca corroboração de uma posição de discordância em relação a uma crença atribuída a um dado Sujeito de Consciência. A partir dessa análise, a pesquisa propõe ainda a existência de uma construção mais abstrata que, na forma, exibe a sequência VÊ/VEJA SE S e, no significado, preserva a semântica de avaliação negativa.

Em virtude de uma viagem ao exterior do palestrante, a palestra será antecipadamente gravada e disponibilizada durante a realização do evento, garantindo que todos os participantes possam assistir, mesmo diante da impossibilidade da presença ao vivo do palestrante.

O último dia do evento, 27 de junho de 2025, será encerrado com a Palestra 7, a conferência ministrada pela Profª Drª. Rosemeire Selma Monteiro Plantin, da Universidade Federal do Ceará (UFC). A professora discutirá o status da fraseologia como uma disciplina autônoma dentro das Ciências do Léxico, abordando sua relação com outras áreas da linguística, como a Sintaxe e a Pragmática. Ela revisitará as origens da fraseologia, desde os estudos pioneiros de Damersteter em 1874, destacando as contribuições da fraseologia para o ensino de línguas, a tradução e o processamento de linguagem natural. A palestra também refletirá sobre como o estudo da fraseologia pode fomentar a compreensão intercultural e promover o respeito e a tolerância entre diferentes comunidades linguísticas.

A palestra propõe apresentar o status da Fraseologia como uma disciplina, com pressupostos e parâmetros teóricos, práticos e metodológicos próprios dentro das Ciências do Léxico. Embora, dependendo do ponto de vista adotado pelo pesquisador, a fraseologia possa ainda ser concebida como subárea da Lexicologia, a palestrante apresentará alguns critérios que justificam sua autonomia, tais como as interfaces da fraseologia com a Sintaxe e a

Pragmática/Discurso, que desafiam os limites tradicionais da lexicologia. Tais conexões sugerem que a fraseologia transcende o escopo do estudo do léxico. A partir de um marco inicial nos estudos de Damersteter (1874), em seu Traité de la formation de mots composés, a palestra fará um panorama das origens e do percurso dos estudos fraseológicos, cujas contribuições teóricas e metodológicas confirmam a maturidade suficiente para considerar a Fraseologia como uma disciplina independente, embora relacionada não apenas à lexicologia, mas também a outras disciplinas.

Do ponto de vista aplicado, a palestra destacará as contribuições da Fraseologia em áreas como ensino de línguas, tradução e processamento de linguagem natural. A denominação unidades fraseológicas será adotada para designar as sequências linguísticas que constituem o objeto de estudo da fraseologia, abrangendo sentenças proverbiais, expressões idiomáticas, pragmatemas (fórmulas situacionais), colocações, locuções fixas, frases feitas, clichês e chavões, bem como outras formas de linguagem estereotipada. A forte dependência do contexto discursivo para a construção do sentido dessas unidades incita uma constante redefinição da relação entre léxico, sintaxe e pragmática. A professora também retomará algumas ideias de seu livro, Fraseologia - Era uma vez um Patinho Feio no ensino da língua materna, sobre as unidades fraseológicas, ilustrando como elas"estabelecem uma espécie de solidariedade linguística" e são essenciais para a integração e a compreensão de diferentes comunidades linguísticas. Ela refletirá sobre o poder das unidades fraseológicas em romper o etnocentrismo e promover a tolerância, ao abrirmos nossas mentes para as expressões e sentidos das diferentes línguas, criando um espaço para o respeito e a compreensão intercultural.

A Professora Doutora Rosemeire Selma Monteiro Plantin é uma referência no campo da Linguística e do Ensino de Língua Portuguesa, com uma carreira marcada por uma paixão profunda pela língua e pela cultura. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina, sua trajetória é marcada pela dedicação ao estudo e à prática do Ensino de Português, tanto como Língua Materna quanto Estrangeira. Com experiência internacional em instituições

renomadas como a Universidade Stendhal, na França, e a Universidade de Granada, na Espanha, Rosemeire se especializou em Fraseologia, contribuindo para a criação do primeiro Manual de Fraseologia dedicado ao ensino de língua materna no Brasil. Sua atuação também se estende ao campo da tradução e à elaboração de dicionários linguístico-culturais, sendo uma figura central na Associação Brasileira de Fraseologia. Ela se dedica ao processo de internacionalização da Língua Portuguesa, buscando sempre conectar saberes e culturas em seu trabalho.

Cada uma dessas palestras oferecerá uma nova perspectiva sobre as múltiplas facetas da fraseologia portuguesa, mostrando como ela vai além das simples expressões idiomáticas, incorporando também colocações, clichês e outros fenômenos linguísticos que são essenciais para entender o uso cotidiano da linguagem. O III Colóquio Nacional de Fraseologia Portuguesa será uma oportunidade única para pesquisadores, estudantes e professores se aprofundarem nas interconexões entre língua, literatura e cultura, enquanto exploram novas fronteiras no uso da tecnologia para o estudo da linguagem. O evento promete ser um espaço de aprendizado enriquecedor e de troca de experiências acadêmicas, refletindo sobre o impacto da fraseologia na sociedade moderna e em sua constante evolução.

Sobral em Junho de 2025, quando o inverno dança suave sob o sussurro das chuvas.

Os organizadores

A homenageada

Uma mulher de sensibilidade profunda, mãe zelosa e cuidadosa, professora exemplar e pesquisadora de mão-cheia

Conheci a professora Maria Luísa Ortíz Alvarez em 2010, por meio de uma série de e-mails que iniciei, movido pela inquietude do saber e pelo desejo profundo de aprofundar minha compreensão sobre Fraseologia e suas diversas fraseologias. Nesses primeiros contatos eletrônicos, pedi-lhe gentilmente esclarecimentos sobre os fundamentos mais profundos e pregnantes da Fraseologia — aqueles conceitos preciosos de fixação e idiomaticidade que bailam entre o verbo e a essência viva da língua. Essas trocas epistolares, longe de serem meras correspondências formais, foram verdadeiros diálogos de mente e coração, que abriram para mim as portas de encontros presenciais e generosos em Brasília, no âmago pulsante da UnB.

Lá, na UnB, sempre fui recebido com um afeto sincero e uma acolhida calorosa, como quem reencontra um amigo antigo que o tempo não conseguiu apagar. Essa recepção, marcada por uma franqueza serena e uma humanidade radiante, entrelaçou-nos numa cumplicidade acadêmica e fraternal, que logo se traduziu em confiança profunda.
Foi nesse ambiente de respeito e admiração recíproca, também incentivado pela professora Rosemeire Selma Monteiro Plantin, da UFC, que tive a honra de convidá-la a integrar a banca examinadora da minha defesa de doutorado — um momento singular e iluminado, no qual suas observações perspicazes e generosas enriqueceram profundamente meu trabalho, contribuindo de forma valiosa para a melhoria da redação final da tese.

Ortíz não era apenas presença; era presença viva, pulsante e eterna em nossas vidas. Sua voz profunda ecoava, por entre os meandros do conhecimento, em múltiplas trilhas do saber, deixando rastros de luz e inspiração. Com raízes fincadas em terras diversas, ela carregava consigo uma bagagem vasta, entrelaçada de aprendizagens, formações e experiências que transbordavam em cada gesto de sua prática acadêmica.

Professora Titular na Universidade de Brasília, seu percurso revelava uma alma inquieta e cosmopolita. Formou-se em Língua e Literatura Russas — um universo de palavras que desde então a acompanhava. Em Moscou, conquistou o mestrado em Ciências Pedagógicas. Não se satisfazia em repousar sobre conquistas, alcançava o doutorado em Linguística Aplicada na Universidade Estadual de Campinas, abrindo-se ao mundo. Seus passos cruzavam continentes, com pós-doutorados realizados em Espanha, Macau e Itália — um verdadeiro mapa do conhecimento, desenhado pela vontade e pela excelência. E era essa Maria Luísa, alma generosa (vamos aproveitar deste adjetivo, afinal, é a cara de Ortiz!), erudita e afetuosa, que permanecia viva em nossas lembranças, com a saudade tênue de quem sabia que encontros assim não se esgotavam, mas floresciam para sempre no jardim do espírito.

Sua vocação se espalhava por diferentes continentes. De Cuba, onde ministrava aulas de Língua Portuguesa e formava professores de russo, à Venezuela e aos Estados Unidos, seu legado acadêmico se multiplicava em experiências interculturais, nas quais compartilhava conhecimentos e, simultaneamente, aprendia. Seu olhar atencioso à formação do professor, seu compromisso com a pesquisa e sua paixão pelas línguas se entrelaçavam nas suas publicações e atuações em diversas comissões científicas e educacionais.

Na UnB, Maria Luísa tinha um papel de liderança, atuando como Vice-Chefe do Departamento de Línguas Estrangeiras, Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Diretora do Instituto de Letras, consolidando sua imagem como gestora e acadêmica de vasta sabedoria. Seu trabalho transcendia as fronteiras da academia, quando era candidata a reitora da UnB em 2008 e 2012, e sua presença ressoava também nas organizações internacionais, como a Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira (SIPLE) e a Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB).

Suas publicações em livros e artigos, além de sua consultoria para órgãos como a CAPES e FAPERO, atestavam seu compromisso com a produção científica de qualidade. A formação de professores, especialmente no campo do ensino de línguas e nas dinâmicas

interculturais, sempre era sua grande paixão. Desde o português como língua de herança, até os estudos fraseológicos, seu trabalho se traduzia em uma dedicação sem fim ao ensino de línguas e à transformação da educação linguística.

Entre tantas funções, coordenava projetos de formação de professores de português no exterior, como o POLH, e era membro de conselhos editoriais de revistas acadêmicas de renome, como a Revista Brasileira de Linguística Aplicada e Acta Semiótica et Linguística. Suas colaborações e sua pesquisa nunca cessavam, deixando um rastro de comprometimento e inovações que reverberavam nas gerações de educadores que formava ao longo dos anos.

Em cada viagem, cada colaboração, cada aula, Maria Luísa mostrava que a língua, mais do que um conjunto de palavras, era uma ponte entre culturas, uma ferramenta de construção do saber, uma chave que abria portas para o entendimento mútuo. E ela, com maestria e humildade, era uma dessas chaves.

Na Universidade de Havana, onde durante mais de duas décadas o magistério se fazia morada e missão, a trajetória de Maria Luísa Ortíz Alvarez se entrelaçava com a formação de professores e os caminhos múltiplos da Linguística Aplicada.

Seus estudos desenhavam um arco: da formação docente ao ensino e aprendizagem das línguas, passando pelas crenças e estratégias do professor em formação, até alcançar a epistemologia do ensino do português como língua estrangeira. Na fraseologia, encontrava uma metáfora viva da cultura, um corpo coletivo de expressões que moldavam e refletiam as mentalidades, e que, com afinco, buscava aproximar das salas de aula e dos materiais pedagógicos.

Os anos avançavam, e novos projetos floresciam, sempre com o mesmo alento: compreender e transformar o ensino de línguas em contextos diversos. Assim nascia a investigação sobre o português como língua de herança, língua viva e pulsante nos corações dos jovens brasileiros que migravam, tentando preservar vínculos afetivos com a terra natal. Esse fio afetivo e identitário atravessava

sua pesquisa, interessada em desvendar as razões que levavam, muitas vezes, esses jovens a se afastarem da língua-cultura herdada, e como as famílias, as comunidades e os países de acolhimento podiam fortalecer esse elo.

Na multiplicidade de experiências bilíngues e multilíngues, buscava captar o papel do português enquanto língua identitária, social e afetiva, percebendo nas práticas de ensino-aprendizagem a marca profunda de quem vivia entre línguas. A fraseologia e a paremiologia, por sua vez, seguiam sendo terreno de reflexão e ação, na tentativa de afirmar seu lugar nos currículos, na formação de professores e na elaboração de dicionários que guardassem a memória coletiva enraizada nas expressões cotidianas.

A formação docente, sempre em foco, conduzia pesquisas sobre a integração entre ensino, pesquisa e extensão, analisando competências e crenças, e propondo novas perspectivas para os cursos de Letras. Entre as iniciativas, destacava-se o projeto de formação continuada para professores de português como língua de herança, experiência partilhada com instituições que, como ela, acreditavam na força da língua como espaço de pertencimento e identidade.

Com olhar atento e crítico, mapeava competências docentes, refletia sobre a prática pedagógica e acompanhava a jornada de professores frente aos desafios do ensino público, à heterogeneidade das salas e à tensão entre teoria e prática. Investigava o papel do material didático: *ferramenta ideal ou instrumento complexo?* E buscava compreender o lugar da gramática no ensino de línguas, entre a rigidez normativa e a liberdade comunicativa.

Em meio a tudo isso, o ensino de espanhol, especialmente na escola pública brasileira, se apresentava como desafio e promessa: uma língua que crescia em importância, exigindo políticas públicas coerentes e formação docente sólida.

Na tessitura de sua trajetória, Maria Luísa Ortíz Alvarez construía uma obra marcada pelo compromisso ético com a educação, pelo rigor da

pesquisa e pela sensibilidade diante da língua como expressão viva de culturas e identidades em movimento.

Maria Luísa Ortíz Alvarez traçava sua trajetória como quem bordava um tapete denso de significados e cruzamentos culturais, entrelaçando saberes e idiomas, práticas e reflexões. Coordenava o Projeto de Formação Continuada de Professores de Espanhol da rede pública de São Paulo, um espaço de cultivo e partilha que, embora desativado, permanecia como semente plantada na memória dos que dele participavam.

No percurso editorial, Maria Luísa era presença constante, vigília atenta e mão que guiava: desde 2000, integrava o corpo editorial da Revista Brasileira de Linguística, da Acta Semiotica et Linguistica e da Línguas & Letras (UNIOESTE), expandindo-se ao longo dos anos para outros periódicos como a Revista ISAT, Revista Letras da UFAL, Revista Brasileira de Lingüística Aplicada, Palavras (Lisboa), Coleção Dicionários Técnicos e Científicos: Linguagens de Especialidade, Revelli, Contextos (Santiago), Revista Eletrônica do GEPPELE, Pontes Editores e Domínios da Lingu@gem, esta última desde 2015. Como revisora, colaborava com a Educere et Educare desde 2007, além de atuar como parecerista de projetos junto à Fundação Rondônia de Amparo ao Desenvolvimento e à Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal, desde 2015.

Seu campo de atuação se ancorava na grande área da Linguística, Letras e Artes, na subárea da Linguística Aplicada, onde a linguagem era ao mesmo tempo objeto e ponte, meio e fim, espaço de análise e de resistência.

Poliglota, transitava com naturalidade entre diversos idiomas, dominando com igual destreza a compreensão, fala, leitura e escrita em Espanhol, Russo e Português. O Francês e o Inglês, por sua vez, eram companheiros que acolhia com parcimônia e compreensão razoável, sobretudo na expressão oral e escrita, mas sempre com a curiosidade linguística que caracterizava sua trajetória.

Os títulos que carregava eram sinais de sua travessia acadêmica: era Mestre em Ciências Pedagógicas pelo Instituto Superior Pedagógico de Moscou, desde 1978, e Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP, desde o ano de 2000 — anos que selavam o compromisso com a investigação e a docência.

Eis que sua produção bibliográfica se erguia como vasto território: mais de trinta artigos completos publicados em periódicos, que iam de 1997 a 2021, onde a fraseologia, a interculturalidade, a identidade, as expressões idiomáticas e o ensino de línguas se entrecruzavam, evidenciando uma preocupação constante com as palavras que circulavam, criavam sentido e definiam pertenças. Assim escrevia sobre o léxico, a identidade e o discurso nas expressões idiomáticas brasileiras, sobre a presença africana na gíria cubana, sobre a dimensão cultural no ensino de português para falantes de russo, sobre metáforas, fronteiras, políticas linguísticas e a construção da interculturalidade.

Autora prolífica, publicou livros que são testemunhos de sua reflexão e militância intelectual. De "As competências do professor de línguas na (trans)formação e (re)construção da sua práxis" a "Políticas de (des)valoriz(ação) do ensino de Espanhol no contexto brasileiro: desafios e ações", passando por obras organizadas em parceria, como "As vozes da Língua Portuguesa em seus contextos: encontros e diálogos interculturais", "Bilinguismo e Línguas de herança: construindo pontes e diálogos entre línguas-culturas" e tantas outras, seu legado editorial se estruturava como um verdadeiro atlas, onde as coordenadas eram línguas, culturas, políticas e práticas pedagógicas.

Assim, Maria Luisa Ortiz Alvarez desenhava, com rigor e sensibilidade, uma cartografia intelectual que reverberava pelo ensino de línguas, pela pesquisa em fraseologia, pela promoção do multilinguismo e da interculturalidade, sempre com a consciência aguda de que as palavras eram atos, eram lugares de memória, eram ferramentas de transformação.

Outras produções se entreteciam à tessitura vasta de Maria Luisa Ortiz Alvarez, como fios que, embora discretos, sustentavam e adornavam a trama principal de sua trajetória intelectual. Prefácios, posfácios, entrevistas, traduções, resenhas e organizações editoriais eram marcas de sua presença generosa, que atravessava livros, revistas e congressos, estendendo-se, silenciosa mas firme, sobre o campo da linguística aplicada e das línguas em diálogo.

Prefaciava, em São Paulo, em 2023, reflexões sobre o humor na língua e no ensino, desdobrando-se em posfácio em Campinas, em 2022, como quem abria e fechava portas de leitura, com a mesma delicadeza com que acompanhava o leitor em suas travessias. Em Madri, no mesmo ano, assinava o prefácio de "El Mínimo Paremiológico Portugués con Correspondencias en Español", como ponte lançada entre as águas do português e do espanhol, línguas que habitava com intimidade e rigor. Antes disso, prefaciava obras em Campinas, em 2021; em São Carlos, 2020; em Curitiba e novamente em Campinas, em 2019; sempre ofertando sua palavra como um convite para adentrar territórios de sentido.

Em 2018, em Curitiba, mais uma vez seu nome abria caminhos textuais, assim como no "Vade Mecum do Ensino de Línguas Estrangeiras/Adicionais", em Campinas, onde o prefácio se transformava em mapa e guia para docentes e aprendizes. Nesse mesmo ano, firmava sua assinatura em entrevistas preciosas: uma com Carmen Mellado Blanco e outra com Gloria Corpas Pastor, ambas publicadas na Revista ReVEL, revelando-se não apenas autora, mas interlocutora atenta, interessada em escutar, em transformar a conversa em registro.

Organizava, também em 2017, o caderno de resumos do I Congresso Mundial de Bilinguismo e Línguas de Herança, em Brasília, afirmando sua vocação de articuladora de saberes e culturas, enquanto prefaciava, nesse mesmo ano, obras sobre a simbologia dos animais nas expressões idiomáticas americanas e brasileiras, deixando claro que o léxico, para ela, era sempre mais do que palavra: era memória, era cultura, era espelho da alma dos povos.

Sua assinatura se fazia presente em outras tantas obras: preservando o português como língua de herança na Inglaterra, em 2016; resenhando o "Dicionário Idiomatik Deutsch-Spanisch" em 2015; quase um prefácio, em Campinas, em 2014, como quem hesitava poeticamente entre a introdução e a entrega total. Em parceria com H. C. Rivas, organizava o "Dicionário de Expressões Idiomáticas Usuais no Brasil", em 2013, enquanto, nesse mesmo ano, "Entabulando a Conversação" surgia sob sua orientação, em Londrina.

Em Curitiba e Campinas, também em 2012, outros prefácios floresciam, assim como o "Dicionário Inglês-Português de Expressões Idiomáticas com Nomes de Animais", em 2011, em São Paulo, obra em que, mais uma vez, a linguagem se revelava como território fértil para a metáfora e o símbolo. Nessa mesma cadência, em 2011, refletia sobre a (des)construção da identidade latino-americana, marcando sua presença em Campinas, e organizava, em 2010, um volume especial da Revista Horizontes de Linguística Aplicada, dedicado ao ensino de Português Língua Estrangeira.

Ainda antes, em 2008, pensava e escrevia sobre a diversidade cultural como grande desafio da integração latino-americana, em Brasília, e, em 2002, traduzia reflexões sobre os desafios das novas tecnologias na educação — sempre movida pelo desejo de mediar e multiplicar saberes.

Na produção técnica, sua atuação se ampliava para o espaço da consultoria e da assessoria, lugares onde o conhecimento se articulava ao compromisso ético e social. Em 2018, atuava como consultora ad hoc da FAPERO, colaborando também na análise de projetos sobre o CELPE-Bras e sobre os estudos teórico-metodológicos do ensino de línguas, bem como na investigação sobre fraseologias especializadas em livros didáticos de espanhol.

Não se limitava ao território brasileiro: participava de pesquisa sobre as estratégias de transmissão do português como língua de herança entre imigrantes brasileiros em Lima, Peru, em 2018. Em paralelo, mantinha intensa atividade editorial: parecerista da Revista Domínios

da Lingu@gem, da Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA), da ReVEL, entre outras.

Sua contribuição era igualmente solicitada para avaliações de livros acadêmicos, como no parecer para a Editora da UFPR, ou para revistas internacionais, como a "Lengua y Migración". Sua atuação se estendia ao julgamento de projetos científicos, como consultora ad hoc para diferentes instituições, entre elas, o Fundo Mackenzie de Pesquisa e a FAPERO, reafirmando sua presença crítica e construtiva na sustentação das políticas de pesquisa e ensino.

Assim, a obra e a ação de Maria Luisa Ortiz Alvarez não se encerravam em páginas escritas, mas se expandiam como presença ética, estética e política, que cruzava fronteiras, conectava comunidades e, sobretudo, acreditava na força da linguagem como lugar de encontro e transformação.

Era neste espaço, entre o fazer e o refletir, que Maria Luisa Ortiz Alvarez deixava marcas indeléveis. Em congressos, seminários e jornadas, compartilhava saberes e experiências, sempre buscando articular teoria e prática, pesquisa e ensino, cultura e linguagem.

Sua presença em eventos científicos era constante e marcante: participava como conferencista, como debatedora, como coordenadora de mesas, sempre mobilizando discussões sobre a interculturalidade, a formação de professores, o ensino de línguas estrangeiras e a fraseologia. Circulava por universidades e instituições no Brasil e no exterior, expandindo redes, construindo parcerias, provocando diálogos.

Em suas orientações de pesquisa, acompanhava trabalhos de iniciação científica, de mestrado e de doutorado, sempre estimulando o rigor metodológico, a criatividade e o compromisso social. Orientava investigações sobre o ensino de português como língua estrangeira, sobre a dimensão cultural nas aulas de línguas, sobre as expressões idiomáticas e as políticas linguísticas, contribuindo para a formação de novas gerações de pesquisadores e professores.

Publicava também capítulos de livros e textos em anais de eventos, disseminando suas reflexões e descobertas. Essas produções percorriam temas como a interculturalidade, o ensino-aprendizagem de línguas, o papel das expressões idiomáticas no processo de aquisição de uma nova língua, entre muitos outros.

Suas contribuições não se restringiam à produção teórica: atuava na formação de professores, organizando cursos, oficinas e encontros que buscavam problematizar práticas pedagógicas e propor novas metodologias, sempre com foco na valorização da diversidade cultural e linguística.

Em todas essas frentes, Maria Luisa Ortiz Alvarez operava com um profundo senso ético e político, consciente de que o ensino de línguas não se fazia apenas de gramáticas e vocabulários, mas de encontros culturais, de negociações identitárias, de resistências e de potências.

Era assim que, a cada aula, a cada palestra, a cada página escrita, ela reiterava a crença na educação como prática de liberdade, como espaço de transformação, como campo fértil para a construção de um mundo mais plural, mais justo, mais solidário.

E seguia, então, a escrever, a falar, a orientar, a aprender, a ensinar — como quem sabia que o saber nunca se encerrava, mas sempre se expandia, multiplicava-se, desdobrava-se em outras vozes, outros corpos, outras culturas.

Ano após ano, como quem folheava um livro vasto e pulsante, Alvarez percorria com sensibilidade os caminhos da leitura em línguas estrangeiras, desvelava falsos cognatos, revelava estratégias de aprendizagem para a compreensão oral, dialogava com a ação avaliativa por competências, desdobrava as linhas da tradução e suas entrelinhas, entre palavras e sentidos, ampliando a consciência crítica cultural e linguística. Via a autoria incerta das adaptações bíblicas, investigava as raízes e origens das teorias informais que guiavam o ensinar, acompanhava a aprendizagem de crianças, o code-switching dos jovens, os diretivos em corpora, a neurociência que iluminava a

aprendizagem adulta, as representações culturais e os mitos da neutralidade no ensino.

Ela escutava as vozes que se levantavam contra a gramática rígida, desvelava o papel do professor em meio às formas de interpelação, observava os erros, os perfis, as interlínguas, os vínculos possíveis e improváveis. Entre o Brasil e a África, entre culturas e etnias, ela acompanhava a cultura de aprender inglês dos alunos, a metáfora que construía sentidos entre os surdos, as ações linguísticas que atravessavam o português para estrangeiros, os padrões emergentes, a competência sociolinguística, a presença da língua materna na escrita, a ilusão da equivalência na tradução jurídica, o papel renovado da tradução no ensino do inglês.

Alvarez testemunhava o irreal, a interlíngua, o movimento comunicativo brasileiro, a relação entre gramática e comunicação, o efeito retroativo dos exames de proficiência, a oralidade dos estudantes, as estratégias afetivas dos aprendizes, a fossilização dos sons, as crenças dos professores adultos, os aspectos suprassegmentais na oralidade lusófona, a autonomia na aprendizagem instrumental, as práticas escolares. Era uma presença incansável, um fio condutor que atravessava os anos, as universidades, as dissertações, conectando, inspirando, e perpetuando a construção do conhecimento, sempre com a luz da língua estrangeira que atravessava fronteiras, sempre com o olhar firme no futuro que se escrevia em cada palavra ensinada e aprendida.

Maria Luisa Ortiz Alvarez, com olhos atentos à vastidão das línguas e seus entrelaces culturais, navegava por mares de saber onde a linguagem se tornava ponte e transformação. Participava com delicadeza e rigor em inúmeras bancas de doutorado, onde jovens vozes se erguiam para desvendar os mistérios do discurso, do léxico e da comunicação, em mundos que iam do espanhol profissional à complexidade do autismo, da poesia das expressões idiomáticas ao ensino multicultural. Cada tese era um fio tecido no tecido vivo do conhecimento, cada qualificação um passo firme rumo ao horizonte infinito do entendimento humano.

Em universidades espalhadas por Brasília, São Paulo, Goiás, Bahia, Ceará, Mato Grosso do Sul e além, Maria Luisa compartilhava seu olhar crítico e apaixonado, iluminando temas que pulsavam entre o concreto e o simbólico: a multimodalidade do ensino, os desafios do português como língua adicional, os diálogos entre culturas e línguas, os saberes traduzidos em palavras, imagens e gestos. Através de sua presença nas bancas, ela era parte da jornada daqueles que buscavam dar forma e voz aos sentimentos e às ideias, às crenças e às práticas, num mundo onde o idioma era muito mais que um instrumento — era alma em movimento, identidade em construção.

Seus passos marcavam o tempo em que o estudo se fazia revolução silenciosa, e a academia, um espaço sagrado para o encontro entre o velho e o novo, o local e o universal. Com olhar firme e escuta profunda, acompanhava cada doutorando em seus processos de criação e desafio, ajudando-os a encontrar o próprio caminho entre palavras, textos, imagens e culturas. Assim, sua trajetória em bancas de doutorado e qualificações não era apenas um registro de presença, mas o testemunho de uma vida dedicada a entender e expandir as fronteiras da linguagem e do ensino, entrelaçando saberes, abrindo portas, construindo pontes.

Ela percorria as sendas do conhecimento com olhar atento e coração aberto, sendo ponte e farol nas qualificações de mestrado, onde vozes em construção desdobravam seus mundos em palavras e ideias. Em Belém, acolhia com ternura a missão de ensinar o português paraense como língua adicional a imigrantes venezuelanos, entrelaçando esperança e aprendizado num tecido novo de identidades. Em Mato Grosso do Sul, percorria as entranhas do somático nas unidades fraseológicas, comparando o russo ao português brasileiro, buscando os mistérios que habitavam entre línguas distantes e próximas.

No Distrito Federal, sentia a delicadeza do afeto e do cuidado que transformavam o ensino da língua espanhola, onde o gesto e a emoção eram pontes invisíveis que levavam ao entendimento e à troca. Compartilhava o espaço sagrado da reflexão crítica junto a quem se dedicava a ensinar refugiados, reconstruindo o fazer

docente com olhares renovados e compromisso ético. Observava os passos lentos e determinados da terceira idade, descobrindo os caminhos que cada estilo de aprendizagem desenhava para adquirir novas línguas, em gestos de coragem e persistência.

Nas vozes que tratavam dos fraseologismos no discurso político, via a dança das palavras que carregavam poder e ideologia; em histórias em quadrinhos, reconhecia o poder da arte na formação leitora, instrumento vivo de mudança. Confrontava as crenças que cercavam o erro na produção oral, ouvindo as dúvidas e certezas dos professores de espanhol, e no cenário da formação de docentes, investigava como a língua e a representação se entrelaçavam na construção do ensino.

Em terras baianas, percorria as tessituras do currículo e as tramas do discurso político pedagógico, onde gênero e diversidade se faziam matéria viva no debate acadêmico. No Centro de Línguas do DF, perscrutava a autonomia em aprendizagem, desvendando crenças e práticas entre professores e alunos, enquanto explorava a cultura no ensino da língua inglesa, vislumbrando as janelas que se abriam para o intercultural. De olhos atentos ao lúdico, descobria nele uma chave para o processo de aprender, uma forma de tocar a mente pelo encantamento.

Nas interações modernas, via o WhatsApp como ferramenta que ultrapassava o mero texto e se tornava elo social, e nas interferências linguísticas, buscava entender os limites entre interlíngua e o letramento primeiro, desvendando os enigmas do aprendizado. Percorria os textos literários em livros didáticos, acompanhava a figura de Cristo nas personagens de Dostoiévski, navegava pelos meandros da competência sociolinguística e americanismos, tudo sob a lente da língua e da cultura que não cessavam de pulsar.

Em monografias, acompanhava o poder da literatura e do cinema na didática de línguas estrangeiras, ferramentas que transcendiam o texto para tocar a alma dos alunos, desvelando múltiplas dimensões do aprendizado. Nos trabalhos de conclusão de curso, via histórias de vidas que se encontravam no ensino do espanhol, na formação de

professores e na criação de glossários trilíngues, testemunhava a voz daqueles que acreditavam no ensino como ato de transformação, num ciclo contínuo onde a palavra se tornava semente e flor.

Assim, sua presença nas qualificações de mestrado não era apenas ato formal, mas encontro de mundos, de sonhos e saberes que se entrelaçavam no espaço onde se construía o futuro da linguagem e da educação.

Ela transitava pelas comissões julgadoras como uma guardiã silenciosa do saber, a presença firme que acolhia, questionava e validava, navegando entre memórias acadêmicas que desenhavam trajetórias de dedicação e excelência. Em 2023, seu olhar se debruçava sobre o memorial da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ali onde vozes múltiplas se uniam em reverência à trajetória do conhecimento. Antes, em 2021, nas terras do Sul e do Ceará, ela se fazia presente em outras homenagens, reconhecendo, entre colegas, o pulsar de quem construía a academia com paixão e rigor.

No ritmo dos concursos públicos, sua voz era juízo e critério, abrindo portas para novas vidas docentes, desvendando os mistérios da língua e da literatura russas, desafiando o entendimento e a prática do ensino do espanhol, no cerrado, no litoral, nos rincões do Brasil. Desde 2000, seu nome aparecia nas bancas que decidiam destinos acadêmicos, decisões que refletiam seu compromisso com a língua, a cultura e a formação de gerações. Universidades como Brasília, Bahia, Goiás, Rio de Janeiro, Amapá e Roraima recebiam seu olhar crítico e respeitoso, entre provas, debates e avaliações que construíam pilares para o ensino superior.

Em livre docência, em 2021, selava um capítulo que celebrava a maestria e a autoridade na sua área, um marco que representava anos de estudo, escrita e reflexão profunda. Não se limitava apenas às bancas formais de concursos e títulos: em seleções simplificadas, no exame do DELE, nas comissões de análise curricular, ela estava presente, qual guardiã do saber, assegurando que a excelência se fizesse presente também na simplicidade do dia a dia acadêmico. Em 1998, já participava com destaque em comissões científicas e

organizadoras, unindo pontes entre países, como no I Colóquio Brasil-Cuba de Terminologia, abrindo janelas para diálogos interculturais.

Cada participação, cada julgamento, cada decisão feita em meio a papéis, argumentos e paixões, compunha a tessitura de uma vida dedicada à academia, onde o rigor se misturava à sensibilidade e a busca pelo saber nunca descansava. Ela era presença constante e firme no palco das comissões julgadoras, reconhecendo no outro o reflexo do seu próprio compromisso com a educação e a língua, construindo com afinco a ponte que ligava o presente ao futuro do conhecimento.

Ela percorria os caminhos dos eventos como quem dançava entre pontes invisíveis, tecia diálogos e abria portas para o encontro das línguas, das culturas e das vozes que delas emergiam. Em 2022, no II Congresso Mundial de Bilinguismo e Línguas de Herança, suas palavras abriam caminhos, revelando a potência da língua que carregava em si memórias e identidades múltiplas, atravessando fronteiras e tempos. Ainda nesse ano, participava de encontros que desvelavam os contornos do ensino do português como cultura de herança, onde o bilinguismo se revelava não como obstáculo, mas como via de mão dupla, convite para o reencontro e para a criação.

O seu percurso se estendia pelo mapa dos congressos, simpósios e seminários que a conduziam das palavras e expressões idiomáticas ao ensino do espanhol e do russo no Brasil, passando por reflexões sobre interculturalidade, tradução e fraseologia, onde cada expressão, cada gesto linguístico, era pedra fundamental de pontes que uniam mundos distantes. Ela estava presente nas jornadas mundiais do ensino do português, nas feiras que celebravam a língua e sua pluralidade, nos encontros que discutiam o papel das línguas de herança em diásporas espalhadas pelo planeta.

Em Londres, Brasília, Havana, e nos muitos lugares que acolhiam sua voz, ela testemunhava e fazia pulsar a força dos discursos que desafiavam o preconceito e ampliavam os horizontes do conhecimento. Em webinários e ciclos de conferências, era presença viva, entre debates que celebravam a identidade e a pluricentricidade

das línguas, sempre lembrando que a língua era um organismo vivo, que se construía e se recriava nas mãos de seus falantes, fossem eles filhos de heranças diversas ou mestres da palavra.

Ela não só participava, mas era ponte, catalisadora, voz que ressoava entre os muros das universidades, das associações, dos grupos que trabalhavam pela valorização das línguas e culturas minoritárias, pelo ensino que atravessava a mera gramática e se aventurava no território da identidade, da memória e da resistência. A sua jornada por eventos nacionais e internacionais, marcada por temas que abraçavam a educação, a linguística e a cultura, configurava-se como um mapa de encontros fecundos, onde o tempo se dobrava e se expandia, tecendo redes que sustentavam o presente e projetavam futuros.

Assim, sua trajetória nos congressos e simpósios era poema vivo, uma caminhada contínua pela busca da palavra que salvava, que unia, que ensinava. A voz dela se misturava ao coro de acadêmicos, docentes e pesquisadores que acreditavam no poder transformador do ensino, nas múltiplas línguas e culturas que compunham o tecido do mundo, onde cada evento era um ponto luminoso, uma semente de mudança plantada no solo fértil da academia e da vida.

No silêncio vibrante das línguas que se entrelaçavam, ela observava a dança sutil da fraseologia em uma sociedade multilíngue, onde os provérbios se erguiam como pontes ancestrais entre mundos, revelando valores que ecoavam no tempo e no espaço. Lá, no coração do Brasil, as palavras carregavam o calor das manhãs ensolaradas, da simplicidade da vida e da sabedoria popular que embalava o cotidiano "Quem não arrisca não petisca", sussurrando coragem e ousadia; "Casa de ferreiro, espeto de pau", mostrando as imperfeições que habitavam a humanidade. Cada provérbio era um espelho da alma coletiva, um relicário de moralidades e normas sociais, tecidos em versos curtos e contundentes.

Do outro lado do mapa, sob o céu vasto e gelado da Rússia, onde o inverno transformava a paisagem e moldava as pessoas, os provérbios eram como raízes profundas fincadas na terra fria. Sábias

sentenças, forjadas pelo tempo rigoroso, tinham o poder de endurecer e amolecer corações. O provérbio "*Sem esforço, nem peixe se pesca no lago*" lembrava que a vida exige dedicação e empenho. Já "*Nem tudo que reluz é ouro*" ensinava a importância de olhar além das aparências. Essas expressões carregavam valores imortais de resistência, humildade e perseverança, lapidados pela história e pelas duras estações do tempo.

Ela via que, apesar da distância e das diferenças, ambos os universos fraseológicos conversavam na mesma língua do humano, onde a sabedoria popular se fazia arte, e o verbo se transformava em ensinamento. A pluralidade cultural era um mosaico onde cada provérbio era uma peça colorida, refletindo costumes, crenças, ideais e dilemas de sociedades que se reconheciam no outro por meio do espelho das palavras. Nesse jogo silencioso de metáforas e ditados, emergia o pulsar da comunicação que transcendia fronteiras, unindo em suas frases o poder da língua como mediadora da cultura, do saber e do ser.

E assim, na vastidão das línguas que se cruzavam, ela contemplava o encontro dos valores morais e sociais, tão vivos e mutáveis, nas vozes dos brasileiros e dos russos, num diálogo eterno, onde o passado sussurrava para o presente, e a fraseologia se tornava a voz da alma multilíngue.

No entrelace sutil do tempo, ela caminhava por corredores de saber onde os nomes dos eventos se desenrolavam como uma sinfonia de encontros, congressos, semanas, e simpósios, cada qual uma centelha de cultura e linguística, acendendo na memória um mosaico de vozes e discursos. Entre os anos que transbordavam na crônica de sua trajetória, havia 2003, um ano tecido em múltiplas tessituras, onde o Curso sobre Terminologia e Dicionários de Especialidade se desenhava, reverberando em ecos precisos e rigorosos, como uma oficina dedicada ao exato significado, à exatidão das palavras. Nessa mesma dança, o I Encontro de Linguística Aplicada da Região Centro-Oeste ecoava com a força dos primeiros passos, enquanto o II Encontro Nacional do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste (GELCO) somava vozes que aprofundavam o diálogo entre

saberes regionais, como rios que se juntavam na confluência do entendimento. Ela observava também a multiplicidade das Semanas de Extensão, itinerários de prática e reflexão que traziam a academia para fora do silêncio das salas, como pontes lançadas ao público, estendendo o convite à participação ativa. O I Simpósio de Língua e Literatura brilhava como farol na penumbra da indagação literária, e a Oficina de Tradução, com seus delicados movimentos de língua e cultura, se apresentava como um labor artesanal, onde as palavras se desdobravam em novas formas, novas vidas. Entre as muitas jornadas, a Semana Anglo-Portuguesa de Letras e a Semana de Letras do UNICEUB confirmavam a diversidade que pulsava nas letras, enquanto o Seminário Anual da SIPLE nos seus recortes internacionais lembrava que o português se expandia, se multiplicava, se reinventava em Cuba, em terras distantes. Ainda em 2003, a V Semana de Letras e o V Seminário de Línguas Estrangeiras davam testemunho de uma continuidade persistente, uma chama que não se apagava, enquanto nos anos que desciam em cascata para 2002 e 2001, os seminários, congressos e encontros se alinhavam em cadência, entre SBPC, GEL, e outras instituições, compondo uma geografia do saber que atravessava fronteiras, línguas, e tempos. Ela via a organização de eventos como uma tapeçaria onde mãos invisíveis, muitas vezes as suas, bordavam com precisão e dedicação o encontro dos espíritos acadêmicos, de Alvarez a Reigota, de Moisés a Rabasa, nomes que pulsavam em conjunto com a pulsação do idioma, da fraseologia, da tradução, da humanidades, onde cada congresso internacional e cada jornada singular parecia ser um pequeno universo que se abria em si mesmo, convidando a todos para o rito sagrado do aprendizado compartilhado. Nesse fluxo, entre memórias e registros, a história das letras e das linguagens se desenhava não apenas como uma cronologia, mas como um poema vivo, onde o tempo não passava, mas se repetia em dança e reverência, e ela, silenciosa guardiã dessas jornadas, sentia-se parte da narrativa eterna da palavra que transformava e conectava.

No tecido sutil da pesquisa e da orientação, ele velava com olhar atento os passos daqueles que desbravavam os caminhos da língua e da cultura. Em seu convívio, as vozes multiplicavam-se, cada uma com um projeto de vida, um tema ardente, uma tese em curso que se

enraizava nas profundezas do saber. Heide Matos Duarte avançava nas questões identitárias, tecendo raça e gênero no ensino de português como língua estrangeira, enquanto Mauricio Souza Neto enfrentava os labirintos das representações raciais em livros didáticos, numa luta contra o racismo e pela esperança do antirracismo.

Ilma Teles de Menezes da Luz perscrutava o espaço democrático das línguas em salas plurilingues, um mosaico de alteridades linguísticas; Silvia Gabriela Brito Barbosa transformava o ensino médio em laboratório do letramento no espanhol; Vanessa Cristina da Silva dedicava-se a estratégias cognitivas e memória, buscando a renovação na aprendizagem dos adultos seniores. Amarilson Gordiano de Oliveira escolhia as terras do sisal para compreender a interculturalidade no ensino do inglês, enquanto Eduardo Melo Rebouças construía pontes lexicais entre o português e o espanhol, lançando um glossário bilíngue que aproximava mundos.

Laura Nunes Pinto refletia sobre as identidades do professor no ensino remoto, e Luciana Dourado Brandão revelava a invisibilidade da língua espanhola no novo ensino médio, desvendando os caminhos incertos dos professores. Maria Oliveira dos Santos investigava a motivação no aprendizado do português como língua estrangeira, e Julyana Carvalho examinava, com olhar crítico, a reforma do ensino médio e suas reverberações no ensino do espanhol. Saryne Rhayane Aquino da Crus mergulhava na ansiedade que envolvia o aprender inglês, enquanto Marcus Vinícius Conceição Pereira dançava entre os círculos de leitura, entrelaçando narrativas e interculturalidade.

Shashi Jaiswal desenhava cursos para aprendizes avançados no bloco BRICS, e Aldenice de Andrade Couto reconstruía identidades profissionais na formação de professores de francês em regiões fronteiriças. Jael Correa Correa trazia à tona a língua de herança dos brasileiros em Granada, cruzando sociolinguística e memórias. Paralelamente, no pós-doutorado, Silvia Ines Coneglian Carrilho de Vasconcelos, Idalena Oliveira Chaves e Anair Valênia Martins Dias continuavam a jornada do conhecimento sob sua tutela, com passos firmes e futuros promissores.

No rastro dos trabalhos concluídos, seu olhar contemplava com orgulho os frutos já colhidos: Nancinilde Cartagenes Leão, navegando entre dialetos e identidades migrantes; Márcia Regina Pinho, que desvelava as águas abertas da globalização; Maria José Cerqueira Brito, que mapeava as competências linguísticas em formações diversas. Mauricio José de Souza Neto, Davi Pereira de Souza e tantos outros que compunham glossários, reflexões sobre fraseologia, identidades docentes, interculturalidade, e a própria essência do ensinar línguas, bordando sentidos e histórias.

Assim, ele seguia, numa imensa rede de ideias e pessoas, supervisionando sonhos, iluminando projetos, celebrando conquistas, enquanto o universo da língua e cultura se expandia, multiplicando-se em mãos e mentes que ele orientava com generosidade e sabedoria.

No entrelaçar sereno dos anos, surgia Gleiton Malta Magalhães, cuja dissertação de 2009 na Universidade de Brasília, sob o olhar atento da orientadora Maria Luisa Ortíz Alvarez, desvelava a cultura pulsante do aprender Espanhol como Língua Estrangeira por alunos cegos, um olhar delicado e profundo para a inclusão, que transcendia o mero ensino para alcançar o ser e o sentir. Ele se juntava a uma constelação de estudiosos que, em suas teses e dissertações, revelavam caminhos, desafios e possibilidades do ensino e da aprendizagem de línguas estrangeiras, tecidos pela mesma mestra que guiava, com sabedoria, cada passo dessa jornada acadêmica.

No mosaico de ideias que se formava, encontravam-se vozes como a de Giuliano Pereira Castro, que mergulhava na multimodalidade textual dos materiais didáticos de português, ou Lara Lopes Fideles, que materializava o planejamento dos cursos de inglês nas escolas públicas do Distrito Federal, sempre sob a mesma tutela que iluminava caminhos diversos, porém convergentes no propósito de aprimorar a linguística aplicada.

Edleide Santos Menezes ressoava a importância da literatura e do ensino comunicacional na formação do professor de Espanhol, enquanto Luis Carlos Ramos Nogueira descobria a presença vibrante

das expressões idiomáticas na sala de aula, tecendo laços entre cultura e língua, entre fala e identidade.

No ritmo cadenciado dessas investigações, Maria Cecilia Martinez Amaro Freitas questionava as harmonias e conflitos entre professor e material didático, Deise Librelotto Scherer explorava a afetividade e o tratamento dos erros em dois mestres da rede pública, e Noriko Lúcia Sabanai escutava o silêncio das crianças surdas na escrita da língua portuguesa, revelando as questões da interlíngua.

Enquanto isso, Kouamé Nguessan Alexis abria as cortinas para os bastidores do ensino do português em contextos multilingues, como o da Costa do Marfim, mostrando que a língua era também ponte e resistência, enquanto Maria Hortensia Blanco García Murga investigava as atitudes dos estudantes frente às variedades diatópicas do Espanhol, um diálogo vivo entre línguas e regiões.

A lista se estendia, como um rio de saberes que fluía, passando por Renato Bincoletto, que observava os americanismos léxicos no ensino do Espanhol, por Deborah Portocarrero, que desvendava as equações afetivas entre professores e alunos no aprender e ensinar inglês, e por Jacymara Paiva Junqueira de Souza, que investigava crenças sobre avaliação contínua.

Essa constelação, vastamente iluminada por Maria Luisa Ortíz Alvarez, continuava a brilhar com nomes e temas que percorriam a afetividade, a produção oral, as expressões idiomáticas, a interlíngua, o planejamento, o bilinguismo, a cultura, as crenças, as estratégias, a autonomia, as atitudes e a inclusão, sempre entrelaçando a teoria e a prática, o ensino e o aprender, o ser e o ensinar.

Assim, a cultura de aprender línguas estrangeiras se revelava, como um tecido vivo e pulsante, onde cada fio era um pesquisador, uma história, um olhar e uma voz que se entrelaçavam, apontando para um horizonte vasto e inclusivo, onde o aprender era também acolher, ouvir e reinventar possibilidades para todos, em cada sala de aula, em cada página escrita, em cada palavra dita e sentida, nesse eterno encontro entre culturas, línguas e sonhos.

Ela era Maria Luisa Ortíz Alvarez, ponte e horizonte, tecelã de palavras e sentidos, guardiã das línguas que se entrelaçavam no tempo e no espaço, na Universidade de Brasília. Seu nome percorreia os corredores do saber, suave e firme, como a brisa que levava e trazia vozes plurais, construindo diálogos que habitavam o invisível e o cotidiano. Ali, nas sementes de iniciação científica, brotavam histórias: Amanda, Thaís, Teresinha, Luana, Robertha, Francisco, Eliana, Maria de Nazaré, Milena, Michelle, Livio, Artur — jovens que desvendavam o mistério da língua estrangeira, exploravam as expressões idiomáticas, as crenças, as políticas, as estratégias, como arqueólogos do verbo.

Na dança constante entre ensino e aprendizagem, Maria Luisa observava, orientava, inspirava. Seus olhos acompanhavam as buscas e as descobertas, a curiosidade que pulsava em cada página escrita, em cada discurso tecido. Em sua voz, ecoava o chamamento para a reflexão, para a construção coletiva do conhecimento, para a valorização das raízes — sejam elas espanholas, portuguesas ou heranças linguísticas que cruzavam fronteiras e culturas.

Ela pesquisava o português como língua de herança, a identidade que se formava entre gerações, o vínculo afetivo que resistia, mesmo em solos distantes. Em sua jornada, o sujeito se entrelaçava com a cultura, com a língua, e nas memórias familiares repousava a esperança de um futuro bilíngue, pleno e vivo. Nas suas palavras, o desafio do professor contemporâneo: moldar competências, cultivar interculturalidade, decifrar os enigmas das expressões que carregavam não apenas sentido, mas alma.

Entre livros, palestras e entrevistas, Maria Luisa construía pontes invisíveis, caminhos que atravessavam tempos e espaços, convidando todos a uma viagem pelo mundo das línguas próximas, da interlíngua, das frases que não se perdiam no vento. Seu percurso era feito de gestos firmes e sutis: coordenava, orientava, liderava, inspirava. Membro de inúmeras instituições, homenageada, paraninfa, patrona, voz que se elevava para a valorização das línguas e da cultura, sempre em movimento, sempre em construção.

Assim ela seguia, com a poesia silenciosa dos dados e dos projetos, com a paixão que movia a ciência, com a ternura que envolvia a língua como herança. Maria Luisa Ortíz Alvarez — uma navegante das palavras, uma arquiteta de saberes, a guardiã das pontes que uniam o mundo pela língua.

Ao revisar este texto, percebi que ora o verbo é usado no presente do indicativo, ora no pretérito ou no imperfeito, como se fosse difícil acreditar que Ortiz não está mais fisicamente entre nós. Ao mesmo tempo, na internet, deparo-me frequentemente com seus artigos, e, em certos momentos, a impressão que fica é de que ela continua entre nós. Decidi, no entanto, não seguir à risca o estilo rígido da norma padrão, permitindo-me certa liberdade para transmitir essa sensação de continuidade e presença.

Lamento profundamente tu pérdida, Ortíz.

Vicente

Programação

Período: de 23 a 27 de junho de 2025

Horário: das 8h30 às 10h30, mantido em todos os dias

8h30 às 9h30 – Palestra (60 minutos)
Exposição do tema pelo(a) palestrante, com aprofundamento teórico e apresentação de conteúdos pertinentes.

9h30 às 10h30 – Sessão de Perguntas e Sorteios (60 minutos)
Espaço destinado à interação com o público, esclarecimento de dúvidas e realização de sorteios previamente organizados.

DIA: 23/06/2025 – SEGUNDA-FEIRA

MENSAGEM DE BOAS-VINDAS

Prof. Dr Vicente de Paula da Silva Martins (UVA-PRAETECE)

Prof. Dr Francisco Vicente de Paula Júnior (UVA)

Prof. Dr Márton Tamás Gémes (UVA)

PALESTRA 1- CONFERÊNCIA DE ABERTURA

Título**: A PESQUISA LINGUÍSTICA EM PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR**

Palestrante: Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes (UECE-PRAETECE)

Aqui está o link para assistir à palestra: https://encurtador.com.br/xyMKQ

Mediação: Prof. Dr. Vicente de Paula da Silva Martins (UVA - PRAETECE)

PALESTRA 2

Título**: Violência institucionalizada contra menores no Ceará oitocentista: Uma análise dos Termos de Soldada sob a perspectiva da Análise de Discurso Crítica (ADC)**

Palestrante: Profª Mestranda Ana Paula Queiroz de Oliveira Lima (UECE-PRAETECE)

Aqui está o link para assistir à palestra: https://encurtador.com.br/E4ROW

Mediação: Prof. Doutorando Marcelo Eduardo Rodrigues Okazaki (Unesp - FCLAr), Prof. Dr. Diogo Pinheiro (UFRJ), Prof. Dr. Márton Tamás Gémes (UVA), Prof. Dr. Wellington Costa (IFCE/Crateús), Prof. Dr. Vicente de Paula da Silva Martins (UVA - PRAETECE), Prof.ª

Doutoranda Dayane Pereira Barroso de Carvalho (PGLLIT / UFNT), Prof.ª Mestranda Ana Paula Queiroz de Oliveira Lima (UECE - PRAETECE), Profa. Dra. Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes (UVA), Prof.ª Dra. Rosemeire Selma Monteiro Plantin (UFC).

Apoio de Monitoras e Monitores: Ariane Parente de Oliveira (UVA), Christian Gomes Seidl (UVA), Edite Brenda Garcia Barreto (UVA), Elisandra Ramos de Carvalho (UFF), Francisco Eduardo (UVA), Jarliso da Silva Almeida (UNIPLAN), Lilian Vaz Quevedo (FURG), Maiko Matheus Santos Barros (UEPA), Maria Alane Rosa (UVA), Maria José Grisaro (USP), Maria Rochelly Ferreira de Souza (UVA).

DIA: 24/06/2025 –TERÇA-FEIRA
PALESTRA 2

Título: **Lexicografia e lexicologia - cultura e produção linguística**

Palestrante: Prof. Dr Wellington Costa (IFCE/Campus Crateús)

Aqui está o link para assistir à palestra: https://encurtador.com.br/p3ODJ

Mediação: Prof. Doutorando Marcelo Eduardo Rodrigues Okazaki (Unesp - FCLAr), Prof. Dr. Diogo Pinheiro (UFRJ), Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes (UECE - PRAETECE), Prof. Dr. Márton Tamás Gémes (UVA), Prof. Dr. Vicente de Paula da Silva Martins (UVA - PRAETECE), Prof.ª Doutoranda Dayane Pereira Barroso de Carvalho (PGLLIT / UFNT), Prof.ª Mestranda Ana Paula Queiroz de Oliveira Lima (UECE - PRAETECE), Profa. Dra. Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes (UVA), Prof.ª Dra. Rosemeire Selma Monteiro Plantin (UFC) eProf. Jarliso da Silva Almeida (UNIPLAN)

DIA: 25/06/2025 - QUARTA-FEIRA

PALESTRA 3

Título**: Análise do valor semântico e variação linguística em provérbios e ditados populares brasileiros com chatgpt e antconc: um experimento**

Palestrante: Prof.ª Doutoranda Dayane Pereira Barroso de Carvalho (PGLLIT/UFNT).

Aqui está o link para assistir à palestra: https://encurtador.com.br/sVDmX

Mediação: Prof. Doutorando Marcelo Eduardo Rodrigues Okazaki (Unesp - FCLAr), Prof. Dr. Diogo Pinheiro (UFRJ), Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes (UECE - PRAETECE), Prof. Dr. Márton Tamás Gémes (UVA), Prof. Dr. Wellington Costa (IFCE/Crateús), Prof. Dr. Vicente de Paula da Silva Martins (UVA - PRAETECE), Prof.ª Mestranda Ana Paula Queiroz de Oliveira Lima (UECE - PRAETECE), Profa. Dra. Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes (UVA), Prof.ª Dra. Rosemeire Selma Monteiro Plantin (UFC).

Apoio de Monitoras e Monitores: Ariane Parente de Oliveira (UVA), Christian Gomes Seidl (UVA), Edite Brenda Garcia Barreto (UVA), Elisandra Ramos de Carvalho (UFF), Francisco Eduardo (UVA), Jarliso da Silva Almeida (UNIPLAN), Lilian Vaz Quevedo (FURG), Maiko Matheus Santos Barros (UEPA), Maria Alane Rosa (UVA), Maria José Grisaro (USP), Maria Rochelly Ferreira de Souza (UVA).

PALESTRA 4

Título**: Rastros do Sagrado: A Dessacralização das Expressões de Origem Bíblica na Literatura Brasileira do Século XIX**

Palestrantes: Prof. Dr Vicente de Paula da Silva Martins (UVA-PRAETECE) e Prof. Dr Márton Tamás Gémes, Profa. Dra Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes (UVA)

Aqui está o link para assistir à palestra: https://encurtador.com.br/68tun

Mediação: Prof. Doutorando Marcelo Eduardo Rodrigues Okazaki (Unesp - FCLAr), Prof. Dr. Diogo Pinheiro (UFRJ), Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes (UECE - PRAETECE), Prof. Dr. Wellington Costa (IFCE/Crateús), Prof.ª Doutoranda Dayane Pereira Barroso de Carvalho (PGLLIT / UFNT), Prof.ª Mestranda Ana Paula Queiroz de Oliveira Lima (UECE - PRAETECE) e Prof.ª Dra. Rosemeire Selma Monteiro Plantin (UFC) e Prof. Maiko Matheus Santos Barros (UEPA)

Apoio de Monitoras e Monitores: Ariane Parente de Oliveira (UVA), Christian Gomes Seidl (UVA), Edite Brenda Garcia Barreto (UVA), Elisandra Ramos de Carvalho (UFF), Francisco Eduardo (UVA), Jarliso da Silva Almeida (UNIPLAN), Lilian Vaz Quevedo (FURG), Maiko Matheus Santos Barros (UEPA), Maria Alane Rosa (UVA), Maria José Grisaro (USP), Maria Rochelly Ferreira de Souza (UVA).

DIA: 26/06/2025 – QUINTA-FEIRA

PALESTRA 5

Título: **Reflexões introdutórias sobre graus de fixação e idiomaticidade em unidades fraseológicas: a rede social como espaço de produtividade neológica**

Palestrante: Prof. Doutorando Marcelo Eduardo Rodrigues Okazaki (Unesp - FCLAr)

Aqui está o link para assistir à palestra: https://encurtador.com.br/cNSt1

Mediação: Prof. Dr. Diogo Pinheiro (UFRJ), Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes (UECE - PRAETECE), Prof. Dr. Márton Tamás Gémes (UVA), Prof. Dr. Wellington Costa (IFCE/Crateús), Prof. Dr. Vicente de Paula da Silva Martins (UVA - PRAETECE), Prof.ª Doutoranda Dayane Pereira Barroso de Carvalho (PGLLIT / UFNT), Prof.ª Mestranda Ana Paula Queiroz de Oliveira Lima (UECE - PRAETECE), Profa. Dra. Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes (UVA) e Prof.ª Dra. Rosemeire Selma Monteiro Plantin (UFC).

Apoio de Monitoras e Monitores: Ariane Parente de Oliveira (UVA), Christian Gomes Seidl (UVA), Edite Brenda Garcia Barreto (UVA), Elisandra Ramos de Carvalho (UFF), Francisco Eduardo (UVA), Jarliso da Silva Almeida (UNIPLAN), Lilian Vaz Quevedo (FURG), Maiko Matheus Santos Barros (UEPA), Maria Alane Rosa (UVA), Maria José Grisaro (USP), Maria Rochelly Ferreira de Souza (UVA).

PALESTRA 6

Título**: Marcadores pragmáticos, normatividade e metanormatividade: o caso das construções"VÊ/VEJA SE"**

Palestrante: *Prof. Dr.* Diogo Pinheiro (UFRJ)

[Conferência Gravada]

DIA: 27/06/2025 - SEXTA-FEIRA

PALESTRA 7 – CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

Título**: Fraseologia, quo vadis?**

Palestrante: Profª. Dra. Rosemeire Selma Monteiro Plantin (UFC)

Aqui está o link para assistir à palestra: https://encurtador.com.br/L22Yl

Mediação: Prof. Doutorando Marcelo Eduardo Rodrigues Okazaki (Unesp - FCLAr), Prof. Dr. Diogo Pinheiro (UFRJ), Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes (UECE - PRAETECE), Prof. Dr. Márton Tamás Gémes (UVA), Prof. Dr. Wellington Costa (IFCE/Crateús), Prof. Dr. Vicente de Paula da Silva Martins (UVA - PRAETECE), Prof.ª Doutoranda Dayane Pereira Barroso de Carvalho (PGLLIT / UFNT), Prof.ª Mestranda Ana

Paula Queiroz de Oliveira Lima (UECE - PRAETECE), Profa. Dra. Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes (UVA).

Apoio de Monitoras e Monitores: Ariane Parente de Oliveira (UVA), Christian Gomes Seidl (UVA), Edite Brenda Garcia Barreto (UVA), Elisandra Ramos de Carvalho (UFF), Francisco Eduardo (UVA), Jarliso da Silva Almeida (UNIPLAN), Lilian Vaz Quevedo (FURG), Maiko Matheus Santos Barros (UEPA), Maria Alane Rosa (UVA), Maria José Grisaro (USP), Maria Rochelly Ferreira de Souza (UVA).

Resumos

PALESTRA 1- CONFERÊNCIA DE ABERTURA

Título**: A PESQUISA LINGUÍSTICA EM PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR**

Palestrante: Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes (UECE-PRAETECE)

A interdisciplinaridade é inerente aos estudos linguísticos, pois é por meio da língua que qualquer discurso se realiza e se materializa. Desta forma, pensar em pesquisa no campo de uma língua seja qual for a abordagem, é pensar nas manifestações de sentido que podemos inferir do uso do léxico, das fraseologias e da cultura subjacente em que os textos são imersos e situados historicamente no mundo e nas vivências do ser humano. Objetivamos nesta fala abordar a importância de se olhar com mais profundidade para os textos históricos ou recentes, os textos jurídicos, administrativos, eclesiásticos, literários ou textos da prática cotidiana que circulam em ambientes virtuais, adotando uma perspectiva ampla e interdisciplinar para observarmos os discursos que subjazem ou ultrapassem toda a materialidade textual. Discutir a língua e suas formas de realização é sempre necessário para a formação crítica e ampla dos cidadãos e das cidadãs, sobretudo, para a formação acadêmica e escolar dos e das estudantes de qualquer área do conhecimento.

Sobre o palestrante: é especialista em Filologia, mestre e doutor em Linguística e pós-doutor em Filologia da língua portuguesa. Professor do Curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará e dos programas de Pós-graduação em Linguística Aplicada-POSLA e Interdisciplinar em História e Letras-PPGIHL. É coordenador do Grupo de Pesquisa Práticas de Edição de Textos do Estado do Ceará-PRAETECE e pesquisa textos manuscritos referentes à história do Ceará sob a perspectiva filológica, orientando trabalhos de Iniciação Científica, de mestrado e de doutorando.

PALESTRA 2

Título**: Violência institucionalizada contra menores no Ceará oitocentista: Uma análise dos Termos de Soldada sob a perspectiva da Análise de Discurso Crítica (ADC)**

Palestrante: Profª Mestranda Ana Paula Queiroz de Oliveira Lima (UECE-PRAETECE)

Estamos desenvolvendo uma pesquisa de mestrado que tem como corpus de análise os Termos de Soldada, um tipo documental do final do século XIX, que se encontra no acervo do Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC). Trata-se do códice número 8 composto por 98 registros produzidos em Fortaleza entre 1883 e 1888. Esses documentos revelam que muitas crianças órfãs, algumas ex-escravizadas que foram libertas, continuaram submetidas a formas de trabalho escravo. Os Termos de Soldada estabelecem o pagamento de um"soldo", uma espécie de salário ao menor órfão, a ser recebido apenas quando ele atingisse a maioridade, aos 18 anos, ficando esse valor retido na caixa econômica. As relações contratuais estabeleciam ao locatário, pessoa que se comprometia em pagar a saldada, o cuidado com os menores, como cuidar de sua saúde, ensinar os trabalhos domésticos, em alguns casos, incluía o ensino das primeiras letras. No entanto, pode se percebe ruma espécie de trabalho escravo de forma legalizada. A pesquisa será desenvolvida com base nos métodos da filologia, utilizando o modelo de edição semidiplomática proposto pelo grupo Práticas de Edição de Textos do Ceará, aliado à Análise de Discurso Crítica (ADC), com base no método de análise de discursos institucionalizados de Ruth Wodak (2001). O foco da análise está nos discursos dos representantes do Estado presentes nos termos, como o juiz de órfãos, o escrivão e os locatários, que evidenciam a permanência de práticas de subjugação institucionalizadas. A pesquisa não visa apenas resgatar e analisar os Termos de Soldada como documentos históricos relevantes, mas também refletir sobre a continuidade das relações de subordinação e exploração na sociedade cearense do período. O estudo contribuirá para a compreensão das dinâmicas sociais e jurídicas da época, ampliando o debate sobre as consequências da legitimação do

trabalho escravo e suas repercussões nas vidas dos menores órfãos no Ceará oitocentista.

Sobre a palestrante: Ana Paula Queiroz de Oliveira Lima é graduada em Letras Português pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) pelo campus FECLESC (Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central) e mestranda em história e letras pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em História e Letras (PPGIHL/UECE). Membro atuante do grupo de pesquisas Praticas de Edição de Textos do Estado do Ceará (PRAETECE). Sua linha de estudo se enfoca especificamente em estudos do léxico da violência contra menores de idade no final do século XIX no estado do Ceará, através do gênero documental Termo de Soldadas.

DIA: 24/06/2025 –TERÇA-FEIRA

PALESTRA 2

Título: Lexicografia e lexicologia - cultura e produção linguística

Palestrante: Prof. Dr Wellington Costa (IFCE/Campus Crateús)

No campo da linguística aplicada à língua portuguesa, a lexicografia e a lexicologia compõem vasto campo para pesquisa e ensino, especialmente quando consideradas em suas intensas relações com a cultura, a semântica e a pragmática. A proposta dessa palestra é debater, com estudantes e professores-pesquisadores, as diferentes abordagens sobre a língua a partir da potência da lexicografia e da lexicologia, pensando inclusive o impacto delas na formação profissional docente.

Sobre o Palestrante: Wellington Costa (IFCE - campus Crateús) - É doutor em Linguística pela Universidade de Évora (Portugal), com a tese "Culturemas da gastronomia cearense: contributos para a fraseologia da língua portuguesa"; mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará e graduado em Letras por esta

instituição. Atualmente é professor efetivo do Instituto Federal do Ceará (IFCE - campus Crateús), onde lidera o grupo de pesquisa "Estudos Linguísticos Interdisciplinares". É membro da Associação Internacional de Linguística do Português (AILP) e tem experiência nas áreas de Metodologias de Pesquisa e de Ensino em Língua Portuguesa e Linguística Aplicada, com ênfase em Análise do Discurso, Lexicografia e Lexicologia.

DIA: 25/06/2025 - QUARTA-FEIRA

PALESTRA 3

Título**: Análise do valor semântico e variação linguística em provérbios e ditados populares brasileiros com chatgpt e antconc: um experimento**

Palestrante: Prof.ª Doutoranda Dayane Pereira Barroso de Carvalho (PGLLIT/UFNT).

"Complete a frase" é uma brincadeira que viralizou nas redes sociais, por meio da qual crianças são instigadas a completar provérbios ou ditados populares brasileiros, revelando interpretações criativas e, por vezes, inesperadas dessas expressões. Motivados por esse fenômeno, desenvolvemos um experimento que articulou ferramentas de Inteligência Artificial (IA) generativa, especificamente o modelo ChatGPT, com o software de análise linguística AntConc, com o objetivo de compreender como tais expressões refletem percepções de mundo, valores sociais e formas de comportamento historicamente compartilhadas no Brasil. Ressaltamos que este estudo não se propôs a ser exaustivo, dado que as UF selecionadas foram retiradas de apenas dois sites, o que naturalmente limita a abrangência do corpus. No entanto, mesmo com uma amostra limitada, acreditamos que os ditados analisados já nos ajudam a perceber padrões e a entender como essas expressões revelam a forma como os brasileiros veem o mundo e transmitem seus valores. Nesse sentido, encontramos padrões interessantes: muitos

provérbios destacam a importância da paciência como caminho para o êxito, da prudência nas relações e decisões cotidianas, e da responsabilidade sobre as próprias ações. Isso nos permite compreender sobre a forma como a sabedoria popular brasileira interpreta a vida em sociedade e orienta suas práticas com base no conhecimento transmitido oralmente ao longo das gerações. Enfatizamos, por fim, que avaliação da adequação de tecnologias de IA generativa para pesquisas linguísticas fica a critério do leitor.

Sobre a palestrante: Doutoranda em Linguística e Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLLIT), da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLe) da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Membro do Grupo de Estudos Linguísticos do Maranhão (GELMA/UEMASUL) e do Grupo de Estudos do Dicionário (GEDI/UFNT). Atualmente, desenvolve pesquisa de doutoramento sobre variação terminológica no domínio especializado da Sociolinguística. E-mail: dayanepereirabr@gmail.com.

PALESTRA 4

Título**: Rastros do Sagrado: A Dessacralização das Expressões de Origem Bíblica na Literatura Brasileira do Século XIX**

Palestrantes: Prof. Dr Vicente de Paula da Silva Martins (UVA-PRAETECE) e Prof. Dr Márton Tamás Gémes, Profa. Dra Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes (UVA)

Analisamos como a literatura brasileira do século XIX, ao manipular expressões de origem bíblica, principalmente aquelas relacionadas à figura de Jó, contribui para o processo de dessacralização do sagrado. O estudo se baseia nas ideias de Émile Benveniste sobre blasfêmia e eufemia, explorando a transgressão e desconstrução da sacralidade por meio da literatura. A ironização de expressões como”ter a paciência de Jó" nas obras de autores como José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo subverte o significado original, afastando-as da”pureza religiosa” e transformando-as em símbolos

críticos e sociais. O artigo também aborda a reflexão de Martin Puchner sobre a Bíblia como texto fundamental da cultura ocidental, mostrando como, com o advento da Revolução Iluminista, a Bíblia passou a ser lida como uma obra literária e histórica, ampliando suas interpretações. A pesquisa revela como a literatura, ao distanciar-se da exegese tradicional, questiona normas religiosas e sociais e, por meio das expressões bíblicas transformadas, oferece uma nova visão sobre moralidade, sofrimento e fé. O estudo demonstra, assim, o papel da literatura na reconstrução da moral e das relações interpessoais no contexto brasileiro do século XIX, ao mesmo tempo em que questiona a hierarquia entre o sagrado e o profano.

Sobre os palestrantes: Vicente de Paula da Silva Martins atuou por dez anos como professor de Língua Portuguesa, nas disciplinas de Gramática, Literatura e Redação, em escolas públicas do Ceará. Desde 1994, é professor de Linguística na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em Sobral (CE). Graduou-se em Letras (Português/Espanhol) pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), em 1986, onde também concluiu a pós-graduação em Literatura Brasileira, em 1989. É mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), título obtido em 1996, e doutor em Linguística pela mesma instituição, em 2013. Realizou três estágios de pós-doutorado em Linguística: o primeiro no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob a supervisão da professora doutora Lívia Márcia Tiba Radis Baptista, com a pesquisa"Frasemário Cultural: Identificação, Classificação e Constituição de Corpus de Culturemas nos Romances do Nordeste Brasileiro" (2016-2017); o segundo na Universidade Federal do Ceará, com a pesquisa"Os Culturemas no Discurso Lítero-Musical das Letras de Canção Brasileira" (2019-2020), sob a orientação da professora doutora Roseimeire Selma Monteiro-Plantan; e o terceiro na Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha, sob a supervisão da professora doutora Carmen Mellado Blanco, com a pesquisa"Os Bibleísmos na Literatura Brasileira" (2022-2023). É autor de diversos livros nas áreas de Educação, Linguística, Ensino de Língua Portuguesa e Poesia, todos publicados gratuitamente em formato digital (e-book) pela Editora Pedro & João Editores. Márton

Tamás Gémes Possui graduação em Lusitanistik, Anglistik e Germanistik pela Universidade de Köln / Alemanha (1999), e doutorado em Romanistik / Lusitanistik pela Universidade de Köln / Alemanha (2008). Desde 2015 é professor adjunto de literatura inglesa da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: fantástico, conto (gênero), josé j. veiga, narratológi

DIA: 26/06/2025 – QUINTA-FEIRA

PALESTRA 5

Título**: Reflexões introdutórias sobre graus de fixação e idiomaticidade em unidades fraseológicas: a rede social como espaço de produtividade neológica**

Palestrante: Prof. Doutorando Marcelo Eduardo Rodrigues Okazaki (Unesp - FCLAr)

As transformações nas práticas sociais e nos modos de interação, impulsionadas pelo avanço tecnológico, articulam-se de maneira direta com a evolução dos meios de comunicação e entretenimento. A internet, em especial, promoveu uma mudança profunda e multifacetada, potencializando tanto o surgimento de novas unidades lexicais quanto a ressignificação de unidades previamente estabelecidas. Portanto, nesta comunicação, serão feitas reflexões introdutórias sobre os graus de fixação e idiomaticidade em unidades fraseológicas, tomando como eixo central a produtividade neológica observada em contextos de uso nas redes sociais digitais. As discussões terão como ponto de partida o pressuposto de que a linguagem em ambientes virtuais, notadamente nas redes sociais, é um espaço privilegiado para a emergência, circulação e sedimentação de novas unidades fraseológicas, muitas vezes marcadas por variações nos níveis de fixação estrutural e de idiomaticidade semântica. O objetivo é refletir sobre como determinadas

construções, amplamente difundidas nas redes sociais, consolidam-se como unidades fraseológicas, exibindo graus diversos de estabilidade formal e de opacidade semântica, a depender de seu percurso enunciativo e de sua adesão a práticas socioculturais específicas. A partir de descrições e análises, procura-se provocar uma reflexão acerca da importância de compreender as redes sociais como espaços privilegiados de inovação fraseológica, em que processos de criação e estabilização coabitam de maneira dinâmica.

Sobre o palestrante: Marcelo E. R. Okazaki possui Licenciatura e Bacharelado em Letras (Português-Inglês) pela Unesp de Araraquara, é Mestre (2021-2023) em Linguística e Língua Portuguesa e, atualmente, realiza o Doutorado (2024-2028) na mesma instituição. Seus temas de pesquisa estão relacionados às Ciências do Léxico. No Mestrado Acadêmico trabalhou com Neologismos no contexto de jogos online, e, agora, no Doutorado, propõe uma pesquisa sobre a terminologia dos esportes eletrônicos, tendo, como resultado um dicionário terminológico dos e-Sports.

PALESTRA 6

Título**: Marcadores pragmáticos, normatividade e metanormatividade: o caso das construções"VÊ/VEJA SE"**

Palestrante: *Prof. Dr.* Diogo Pinheiro (UFRJ)

Esta palestra descreve duas construções idiomáticas com VÊ/VEJA SE S (ilustradas por enunciados como"Vê se me devolve meu livro" e"Veja se meio-dia é hora de acordar") no português brasileiro contemporâneo, tomando como base o arcabouço teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso. Do ponto de vista metodológico, recorremos a uma análise quantitativa e qualitativo-interpretativa de dados extraídos do *Corpus* do Português. Em síntese, o que os dados demonstram é que essas construções idiomáticas são especializadas, respectivamente, na função de dirigir uma repreensão preventiva ao interlocutor e buscar a corroboração do interlocutor. Mais especificamente, a primeira construção expressa um comando para a realização de uma ação que, sob a perspectiva do falante, o

interlocutor já sabia que deveria realizar. Já a segunda é usada para convidar o interlocutor a corroborar uma posição de discordância em relação a uma crença atribuída a um dado Sujeito de Consciência. A partir dessa análise, foi possível postular, ainda, a existência de uma construção mais abstrata que, do ponto de vista da forma, exibe a sequência VÊ/VEJA SE S e, do ponto de vista do significado, preserva a semântica de avaliação negativa

Sobre o palestrante: Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-doutorado pela Universidade de Lancaster (Inglaterra). Professor Associado do Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ e membro titular do Programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma universidade. Autor do livro *Curso Básico de Gramática de Construções* (Editora Contexto, 2025) e colíder do Grupo LinC (Laboratório de Linguística Cognitiva). E-mail: diogopinheiro@letras.ufrj.br

DIA: 27/06/2025 - SEXTA-FEIRA

PALESTRA 7 – CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

Título**: Fraseologia, quo vadis?**

Palestrante: Profª. Dra. Rosemeire Selma Monteiro Plantin (UFC)

Pretendemos apresentar o status da Fraseologia como uma disciplina, com pressupostos e parâmetros teóricos, práticos e metodológicos próprios dentro das Ciências do Léxico; ainda que, dependendo do ponto de vista adotado pelo pesquisador e dos objetivos na análise, possa ainda ser concebida como subárea da Lexicologia. Para tanto, apresentaremos alguns critérios que justificam tal autonomia, tais como as interfaces da Fraseologia com a Sintaxe, com a Pragmática/Discurso que desafiam os limites tradicionais da Lexicologia. Tais conexões sugerem que a Fraseologia transcende o escopo do estudo do léxico. Tendo como marco inicial os estudos de Damersteter (1874), em *Traité de la formation de mots composés,*

apresentaremos as origens e o percurso dos estudos fraseológicos, cujas contribuições teóricas e metodológicas confirmam a maturidade suficiente para considerar a Fraseologia como uma disciplina independente, embora relacionada não apenas à Lexicologia, mas também a outras disciplinas. Do ponto de vista aplicado, destacaremos as contribuições da Fraseologia em áreas como ensino de línguas, tradução e processamento de linguagem natural. Optamos pela denominação unidades fraseológicas, para designar as sequências linguísticas que constituem o objeto de estudo da Fraseologia, por considerarmos tal hiperônimo suficiente para abarcar sentenças proverbiais, expressões idiomáticas, pragmatemas (fórmulas situacionais), colocações, locuções fixas, frases feitas, clichês e chavões, bem como outras formas de linguagem estereotipada. A forte dependência do contexto discursivo, para a construção do sentido das unidades que constituem o objeto da Fraseologia instigam uma constante redefinição da relação entre léxico, sintaxe e pragmática. Para além disso, julgamos pertinente retomar algumas ideias constantes em nosso livro, Fraseologia - era uma vez um Patinho Feio no ensino da língua materna, sobre as unidades fraseológicas que reproduzimos aqui *ipisis literis*"As unidades fraseológicas estabelecem uma espécie de solidariedade linguística, na medida em que são requisito indispensável para que possamos fazer parte, efetivamente, de uma comunidade linguística. Elas povoam nosso imaginário coletivo, transportando nossas emoções, lembranças, lágrimas e sorrisos, sendo a melancolia, a alegria e o colorido da língua. Há nelas um intrínseco potencial unificador, capaz de fazer com que nos sintamos pertencendo a nossa língua e, por extensão, todos aqueles com os quais podemos partilhá-las são os que podemos chamar de nossos. Mas, paradoxalmente, ao mesmo tempo que nos particulariza, quando conhecemos as expressões de outras línguas, podemos sair de nosso etnocentrismo e nos abrirmos para o outro. O conhecimento dos usos e sentidos das unidades fraseológicas, em cada uma das línguas que não seja a nossa, de certa forma é a porta de entrada para a tolerância, para a compreensão e para o respeito ao outro. Ao descobrirmos o que se diz, em diferentes línguas, para saudar, ofender, mostrar alegria ou tristeza, pesar ou contentamento, indiferença, euforia ou êxtase, paixão, dores e amores, estamos

penetrando no universo alheio e percebendo diferentes formas de pensar, atribuir valor e de fazer um recorte naquilo a que chamamos de realidade.

Sobre a palestrante: Professora Titular da Universidade Federal do Ceará. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001), Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (1995) e Licenciada em Letras/Português pela Universidade Estadual de Maringá (1992). Tem experiência em Ensino de Português como Língua Materna e também como Estrangeira (PLE), com ênfase no processo de Internacionalização da Língua Portuguesa. Foi professora-leitora (2005-2007) de língua portuguesa e de cultura brasileira, na Universidade Stendhal, em Grenoble (França). Iniciou suas pesquisas em Fraseologia Teórica e Aplicada na Universidade de Granada, na Espanha (tendo sido bolsista da Fundação Carolina em 2007). Foi bolsista CAPES de estágio pós-doutoral (2011-2012), na Universidade Paris 13, na França, atuando no Laboratório LDI (Lexiques, Dictionnaires, Informatique), no qual pesquisou as principais contribuições dos estudos fraseológicos para o ensino de línguas, para a tradução e para a elaboração de dicionários linguístico-culturais. Vice Presidente da Associação Brasileira de Fraseologia. Conselheira da Sociedade Internacional de Português como Língua Estrangeira (SIPLE). Coordenadora do Curso de Graduação da UFC (27/11/2008 a 01/03/2011). Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Linguística da UFC (2015-2017) e (01/08/2019 a 31/07/2021). Autora do primeiro Manual de Fraseologia dedicado ao ensino de língua materna publicado no Brasil - Fraseologia - Era uma vez um Patinho Feio no ensino de língua materna (2011). **Para saber mais: Lattes** http://lattes.cnpq.br/2354889512183706 **e Orcid:** https://orcid.org/0000-0001-5372-0894

Apoio do Grupo de Pesquisa PRAETECE/POSLA/UECE, da Pró-Reitoria de Extensão e da Coordenação do Curso de Letras da UVA.

Carmen Mellado Blanco
Vicente de Paula da Silva Martins

O pão nosso de cada dia

A fraseologia bíblica e a sua representação na literatura brasileira do século XIX

Pedro e João editores

Sobre o Idealizador do III Colóquio

Sua trajetória acadêmica e profissional reflete uma dedicação consistente ao ensino da língua portuguesa e uma busca contínua por novos conhecimentos, evidenciando um compromisso com a educação e uma compreensão sobre a relevância da linguística na sociedade.

Em sua jornada como educador, Vicente Martins passou dez anos em escolas públicas cearenses, lecionando literatura e redação, dois campos onde sua paixão pela palavra se manifestava com intensidade. Durante esse período, ele não apenas transmitia conteúdo, mas construía pontes entre o conhecimento acadêmico e a realidade cotidiana dos estudantes, permitindo-lhes reconhecer a importância da língua em suas vidas. Essa experiência em sala de aula foi o alicerce para uma carreira que se solidificaria de forma brilhante no ensino superior. Desde 1994, Vicente Martins é professor de Linguística na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em Sobral, no interior do Ceará. Sua formação acadêmica é robusta e diversificada. Graduado em Letras (Português/ Espanhol) pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) em 1986, ele continuou sua busca pelo saber, ampliando suas fronteiras com uma pós- graduação em Literatura Brasileira (1989) pela mesma instituição. Seu mestrado em Educação Brasileira, conquistado em 1996 pela UniversidadeFederaldo Ceará (UFC),aprofundousua compreensão dos processos educacionais em um contexto social e cultural específico, preparando-o para os desafios que enfrentaria ao longo da carreira. O doutorado em Linguística, obtido em 2013 também pela UFC, consolidou Vicente como um dos acadêmicos mais respeitados da sua área da fraseologia brasileira.

O desejo de explorar mais profundamente as fronteiras do conhecimento levou Vicente a buscar não apenas formação continuada, mas também experiências de pós-doutorado que o colocaram em contato com pesquisadores de renome internacional. O primeiro estágio foi realizado no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da

Bahia (UFBA), entre 2016 e 2017, sob a orientação da Professora Livia Marcia Tiba Radis Baptista. Nessa pesquisa, Vicente trabalhou com a identificação e classificação de culturemas nos romances do Nordeste brasileiro, um estudo que buscava mapear como os elementos culturais se expressam na literatura regional. Em seguida, entre 2019 e 2020, realizou um segundo estágio na UFC, onde se aprofundou na análise dos culturemas no discurso lítero-musical das letras de canções brasileiras, supervisionado pela Professora Roseimeire Selma Monteiro-Plantan. Sua última experiência pós-doutoral ocorreu em 2022 e 2023, na Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha, onde, sob a supervisão da Professora Carmen Mellado Blanco, pesquisou os Bibleísmos na literatura brasileira, um estudo que explorou a presença das referências bíblicas no discurso literário nacional.

Além de sua produção acadêmica, Vicente é um prolífico autor, com livros que abrangem áreas como educação, linguística, ensino de língua portuguesa e até poesia. Seus textos, pensados para o público acadêmico e para o grande público, estão disponíveis gratuitamente em formato digital (e-book), contribuindo para a democratização do conhecimento. Os livros publicados pela Editora Pedro & João Editores têm sido uma ferramenta para aqueles que buscam aprofundar-se no estudo da língua e da cultura, seja no contexto de um ensino mais inclusivo e acessível, seja no campo da pesquisa acadêmica.

Com uma trajetória tão rica e multifacetada, Vicente de Paula Martins reflete uma personalidade fraterna e generosa. Sua postura como educador vai além da mera transmissão de conteúdo; ele busca, sempre com humildade, formar novos pesquisadores e formar, também, cidadãos críticos e conscientes. Seus orientados, em diferentes níveis de ensino, reconhecem nele não só um mestre, mas alguém que tem a capacidade de instigar curiosidade, motivar o pensamento crítico e acompanhar de perto o crescimento intelectual de seus pupilos.

Vicente de Paula da Silva Martins, com uma carreira consolidada como pesquisador e educador, tem se destacado também como

autor de uma produção literária e acadêmica que transita entre a linguística, a literatura e a educação. Seus livros são reflexões profundas sobre a língua e sua aplicação nos mais diversos contextos, e têm sido publicados por editoras reconhecidas, com conselho editorial, garantindo a qualidade e o rigor acadêmico de suas obras. A Editora Pedro & João, com seu compromisso com o conhecimento acessível, tem sido a casa de várias de suas publicações, todas disponíveis em formato digital (e-book) e com ISBN, o que facilita a sua difusão no cenário acadêmico.

Entre suas publicações, destaca-se o livro *As escolhas léxico- estilísticas (culturemas) na obra de Lygia Fagundes Telles*, lançado em 2021. Esta obra é fruto de uma análise detalhada das escolhas léxico-estilísticas feitas pela autora, com um foco particular nos culturemas presentes em seus textos. Ao explorar a obra de Lygia Fagundes Telles, Martins oferece uma contribuição valiosa para a compreensão da literatura brasileira e da forma como elementos culturais e linguísticos se entrelaçam na construção da narrativa. O livro tem sido uma referência importante para estudiosos da literatura e da linguística.

Em 2022, Vicente de Paula Martins publicou mais duas obras que ampliam ainda mais seu campo de estudo: *Fraseologia nas letras de canções brasileiras* e *Português para fins específicos*. O primeiro se dedica a examinar como a fraseologia, ou o uso de expressões fixas e comuns, se manifesta nas letras de canções brasileiras, um campo rico de cultura popular e identidade nacional. Já o segundo livro aborda o ensino de português para fins específicos, trazendo contribuições valiosas para profissionais que trabalham com línguas estrangeiras em contextos técnicos e acadêmicos.

Ainda em 2022, Vicente Martins se uniu à sua orientanda de TCC Gislaine Costa Cerqueira para lançar *Dona Guidinha do Poço: Dicionário de Cultura Linguística*, um trabalho colaborativo que explora aspectos culturais e linguísticos da obra de um dos maiores ícones da literatura popular cearense. O livro reflete o compromisso de Martins com a preservação e análise das culturas regionais e sua relação com a língua, sendo uma importante contribuição para o campo da lexicografia e da pesquisa cultural.

Em 2024, Vicente de Paula da Silva Martins lançou o livro *O pão nosso de cada dia. A fraseologia bíblica e a sua representação na literatura brasileira do século XIX*, publicado pela Pedro & João Editores, em coautoria com Carmen Mellado Blanco (USC). O projeto teve origem a partir de uma proposta de Martins a Carmen, que considerou a ideia de investigar os bibleísmos uma excelente oportunidade para aproximar a fraseologia do português brasileiro e do espanhol. Embora o tema ainda seja pouco explorado, ele ganha cada vez mais relevância nas línguas europeias, sendo fascinante estudar o patrimônio fraseológico presente na Bíblia, tanto sob uma perspectiva monolingue quanto contrastiva.

A análise dos bibleísmos permite compreender metáforas cristalizadas ao longo dos séculos, que fazem parte do acervo cultural e histórico das línguas e se perpetuam na oralidade dos povos, ultrapassando a barreira da escrita. Estudar a fraseologia bíblica é, portanto, estudar as expressões figuradas mais genuínas e ancestrais da língua, que refletem as inquietações mais profundas e universais da humanidade. A obra de Vicente e Carmen busca explorar como esses elementos bíblicos se traduzem na literatura brasileira do século XIX, revelando aspectos da mentalidade e dos valores de nossos antepassados. O livro está dividido em duas partes. A primeira contém dois estudos de Carmen Mellado Blanco: um de caráter contrastivo entre o alemão e o espanhol, intitulado *Locuciones y proverbios de origen bíblico: creación y difusión en alemán y español*, e outro sobre a simbologia religiosa e as metáforas do *CAMINO* na Bíblia, com foco no espanhol. Ambas as pesquisas são parte do projeto *CONSTRIDIOMS Construction Grammar and Phraseology: German and Spanish Constructional Idioms in Contrast through Corpora* (PID2019- 108783RB-I00), coordenado por Carmen na Universidade de Santiago de Compostela. A segunda parte é dedicada ao trabalho de Vicente Martins, que descreve 40 unidades fraseológicas de origem bíblica encontradas em importantes obras da literatura brasileira do século XIX. Cada unidade é detalhada, explicando seu significado idiomático, o contexto bíblico de origem e as variações de uso nas obras analisadas.

O volume é um valioso tesauro, não só pela seleção rigorosa das unidades fraseológicas, mas também pela clareza e acessibilidade de suas descrições. A obra se apresenta como uma leitura agradável, capaz de atrair tanto estudiosos de fraseologia bíblica quanto o público em geral interessado em conhecer melhor essa rica tradição literária. O livro é finalizado com um índice bibliográfico abrangente, que lista todas as fontes utilizadas na construção do tesauro.

O trabalho visa contribuir para a difusão dos fraseologismos bíblicos nas línguas portuguesa e espanhola, promovendo o diálogo entre esses dois sistemas fraseológicos. Ao abordar as semelhanças e as diferenças entre os bibleísmos, a pesquisa revela tanto aspectos comuns quanto particularidades semânticas e pragmáticas que são, de fato,"o pão nosso de cada dia". O estudo das línguas, por mais próximas que sejam, revela sempre pequenas"torres de Babel" que nos convidam a explorá-las e descrevê-las, e é esse o objetivo de Vicente Martins e Carmen Mellado: avançar no conhecimento da fraseologia bíblica e de seu impacto na literatura e na cultura das línguas em questão.

Esses livros, todos publicados em formato digital, não apenas evidenciam a competência acadêmica de Vicente de Paula Martins, mas também sua dedicação a tornar o conhecimento acessível a um público mais amplo, compartilhando suas pesquisas com a comunidade acadêmica e com leitores interessados nos estudos linguísticos e literários. A editora Pedro & João tem sido um ponto de apoio fundamental na disseminação de suas ideias, ampliando o alcance de seu trabalho, que se mantém como uma rica fonte de análise e reflexão sobre a língua portuguesa, suas expressões e suas manifestações culturais

Seus estudos, voltados para questões da linguística, da literatura e da cultura, são sempre permeados por uma profunda compreensão do contexto social e histórico. Cada trabalho acadêmico de Vicente reflete a busca por um olhar mais atento e inclusivo sobre as formas como a língua e a cultura se inter- relacionam na produção de significados e na construção de identidades. Ele se dedica, com carinho e zelo, a esse processo, não apenas como pesquisador, mas como um verdadeiro mediador do conhecimento.

Vicente Martins é também o idealizador do I e II (realizado em 2022 e 2023 com foco em derivação do português) e III Colóquio de Diacronia do Português (CIDP/2024), evento que, nesta III edição, contou com o valioso apoio da professora Elaine Alves Santos Melo (UFF) e do professor Expedito Eloísio Ximenes (UECE). Esse colóquio reafirmou seu compromisso com a promoção de debates acadêmicos de alta relevância e com a integração de pesquisadores dedicados ao estudo da diacronia da língua portuguesa.

Para informações detalhadas sobre o percurso acadêmico e as contribuições científicas de **Vicente de Paula da Silva Martins**, recomenda-se acessar seu Currículo Lattes, disponível em: http://lattes.cnpq.br/2417287344037538

Os organizadores

Fraseologia extraída de *Dona Guidinha do Poço* **(1952)**

- **ADONDE ENTRE UM, SAI DOIS:** A expressão sugere que nenhuma ação é isolada e simples, sempre há múltiplas repercussões. *"Mais o velho pega, e se hai de compô as coisas cos adversaro, que êle bem que lhe dixe que cum uma política ninguém bota panela no fogo, que por adonde entre um sai dois, mais tarde ou mais cedo." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p.39)*
- **ALGUÉM DE SE LHE TIRAR O CHAPÉU:** Digno de admiração, merecedor de homenagens e respeito *"...o Secundino fazia-se verboso, inquiria, comentava, dizia graças, tomava liberdades: — Pois tenho uma tia de se lhe tirar o chapéu, meu amigo. Olha que o velho teve bom gosto!" (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.34)*
- **ANDAR AOS TRANCOS E BARRANCOS:** De forma atabalhoada, desajeitadamente: *"Ife! Era muito melhor quando estavam na vila! O rio lá era espraiado e pelo caminho não se andava aos trancos e barrancos como ali na fazenda, e mó de que lá a roupa corava melhor." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Segundo, I, p. 73)*
- **ANDAR DE BÔCA EM BÔCA:** Transmitido oralmente; de pessoa para pessoa. "Ela supunha que não. Êle que o pusesse a par; não havia nisso nenhuma inconveniência. E, depois, mais dia, menos dia, tudo havia de andar de bôca em bôca, e ninguém podia arrolhar os outros, porque abelhudos não faltavam" (PAIVA, [1891] 1952, Livro Terceiro, I, p. 97)

- **ANDAR FORA DAS ESTRIBEIRAS:** perder o controle; entrar em desespero, descontrolar-se, desnortear-se, perder os estribos: "*Era pois verdade tudo que lhe vieram dizer a respeito do marido! Bastavam aquêles bons ofícios do vigário para prova de que o Sr. Quim andava fora das estribeiras. Mesquinho, mentiroso e infame.*" *(PAIVA, [1891] 1952, Livro Quinto, III, p. 191)*
- **ANDAR JÉ COM MUITA GALIZIA:** Andar cheio de luxo, cheio de exigências. "*— E você non sabe? — continuava a Mercês — no Vavaú não se falou noutra coisa. O povo já tava capinando de rijo no caso, e dizia que o mancebo andava jé com muita galizia...*" *(PAIVA, [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 178)*
- **ANTES COM PENA SENTIR QUE SEM REMEDIO CHORAR**: É melhor enfrentar a dor da verdade do que sofrer as consequências de uma mentira. "... e que entonce o levantador do farso era ladrão, ladrão, ladrão, que só se salvava com três vezes perdão. – É por isso que se diz: Antes com pena sentir que sem remédio chorar." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, XII, p. 70)
- **ANTES SER BICHO DO CAMPO DO QUE CRISTÃO BATIZADO:** Durante período de seca este ditado popular era usado por retirantes que enfrentavam inúmeras dificuldades e não encontravam ajuda dos fazendeiros da região*: "— Pela sêca, antes ser-se bicho do campo do que cristão batizado, meu Sinhozinho! Arre! o que êstes olhos viram!" (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p. 40)*
- **BATER BÔCA:** Expressão popular que significa discussão; desentendimento*: "No dia seguinte, olha lá implicâncias da*

Margarida! Mas os senhores do Poço da Moita não batiam bôca em suas terras". (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, III, p. 27)

- **BATER COM OS LÁBIOS:** Mesmo que sussurrar; murmurar. Dizer em voz baixa: "*Pôs ao pescoço o têrco de contas, que pendurava sobre o quadro de Nossa Senhora quando ia deitar-se. Ali, já batendo com os lábios a oração da manhã, que sabia de cor. Enfiou as saias. Tremeu, quando mergulhou a trabalhada cabecinha pelas sedas pretas do vestido, para a missa de requiem." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Quarto, IV, p. 160)*
- **BOTAR NO MATO**: jogar fora.Esbanjar, desperdiçar: "*A vaqueirama fazia-se recìprocamente recriminações, porque Fulano botou tal rês no mato, porque não vale a pena andar senão com home, que os do serrote mó que vieram cichilando..." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Quarto, II, p. 141)*
- **CÁ POR CASA OUTRO GALO LHE CANTA:** Considerar-se vitorioso. Dar ordens, ter voz ativa: "*— S'Ontonho, disse ela, caminhando para êle, que estava fechando a porta, acho muito bom que você diga aos estranho, a respeito da falta da nossa ama, o que disse ao Torém... Mas, meu véio, cá por casa outro galo lhe canta..." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 177)*
- **CADA MACACO EM SEU GALHO:** Expressão popular que significa que cada pessoa deve preocupar-se apenas com aquilo que lhe diz respeito: "*— Está bom, Compadre, quer saber de uma coisa curta e certa? Cada macaco em seu galho! — e entrou, com a mostarda no nariz." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Terceiro, I, p. 99)*

- **CADA QUAL INTERRA SEU PAI COMO PODE:** Provérbio que significa que cada pessoa tem seu próprio jeito de resolver seus problemas e dificuldades: *"— Cada qual interra seu pai como pode... Desculpem o meu falar! — continuou ela com ar de riso, exalando um indiscreto fartum de aguardente." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Terceiro, II, p. 104)*
- **CAIR NAS GRAÇAS:** Diz-se de alguém que conquistou a simpatia de outrem: *"Era pois certo o que se espalhava a respeito dessa mulher generosa e valente. Feliz quem lhe caísse nas graças." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, X, p. 58)*
- **COMER COM OLHOS:** Expressão popular. 1.desejar muito; cobiçar. 2. fixar um olhar ávido, cobiçoso em (pessoa amada ou objeto desejado): *"O Conrado Bonfim, com a sua barba de bode, comia mais com os olhos, envidraçados nos seus óculos escuros, do que com a bôca. Em presença do juiz ficava acanhado" (PAIVA, [1891] 1952, Livro Quarto, IV, p. 161)*
- **COMER O PÃO QUE O DIABO AMASSOU:** É uma expressão popular que significa passar por um grande sofrimento ou por grandes dificuldades: *"Os que estavam ainda em marcha, como uns que êle ouvira ali, desejavam ter morrido antes nas suas terras do que se ter atirado assim pelos caminhos, comendo, e quando comiam! o pão que o diabo amassou. (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p. 40)*
- **COMER PELO PÉ:** Expressão popular que significa aproveitar-se de (alguém), com o fim de obter vantagens ou lucro material: ***(i)*** *"Mas aquilo sabe onde carnero maia e andorinha dorme. Cabra onzonero!*

Vígi como o satanaztá adulando a pobe da Sea Dona Guida! Come a pobe por um pé." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Segundo, III, p. 85) ***(ii)*** ***"****Mais quem fô neném que s'ingane contigo: pelos picos se vê a altura do monte. Êste diabo come a pobe da Seá Dona Guidinha por um pé!" (PAIVA, [1891] 1952, Livro Terceiro, II, p. 98)*

- **CONFESSAR TINTIM POR TINTIM**: Expressão popular que significa: com todos os detalhes; com todas as particularidades "*Confessou tudinho, tintim por tintim. O papaizinho dela, Seu Dr. Montezuma, foi quem o obrigou a diculará tudo, mais o Seu vigário... Quando o Seu Major levou a punhalada, inda pôde gritar à Gina IVA, [1891] 1952, Livro Quinto, I, p. 209) ver pelas costas (PAIVA, [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 182)*
- **CORRÊ SANGUE:** Expressão relacionada a briga de caráter violento: "*— E apois não foi? Mode non corrê sangue." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p.39)*
- **CORRER O MUNDO:** viajar; espalhar-se, divulgar-se: **(i)** "*Aquela família, que tivera o seu gadinho, as suas bestinhas, e hoje a correr mundo com o lar às costas, como ciganos, lhe reaparecia, porém, com as correções de personagens de contos vazados pelo buril da frase meditada." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, III, p. 27)*. **(ii)** "*Aquela família, que tivera o seu gadinho, as suas bestinhas, e hoje a correr mundo com o lar às costas, como ciganos, lhe reaparecia, porém, com as correções de personagens de contos vazados pelo buril da frase meditada.".*
- **CORRER O ÔLHO:** olhar ao redor, examinar: "O rapaz corria o ôlho pela fazenda, na qual já lhe ia parecendo ter parte. Muito

gado, em vista da falada crise." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.35)

- **CURÁ NO RASTO:** Nome dado à prática comum entre os benzedores que consiste em passar um ramo verde ou cobrir com uma pedra o rastro do animal pronunciando palavras de uma reza específica na tentativa de curá-lo de enfermidades: "*De quando em vez apareciam poldrinhos com bicheira: – M'pai, observava o Néu, aquêle home non dá conta dos animais, Inhor, não. Só qué curá no rasto...*" *(PAIVA, [1891] 1952, Livro Terceiro, I, p. 98)*
- **DÁ CONTA DO RECADO:** desempenhar bem alguma tarefa; conseguir fazer (algo): "*O portador foi o Silveira, que viera decretado à vila após o Lulu, para assuntar, mandado pela ama. E, vendo o furor desta contra o outro: — Cumade, disse, estou cage li dizendo qui discanse seu coração, que seu cabavéio dá conta do recado...*"
- **DAR FÉ:** Perceber, notar: "*Tu tá bom mesmo é pra guarda-costa, xujo! Aquilo sabe inté de tologia e filosofia, e já deu fé qui o casau vive uma hora por outa renrém-renrém...*" *(PAIVA, [1891] 1952, Livro Segundo, III, p. 85)*
- **DAR NO GÔTO:** Conquistar a simpatia de; cair nas graças ou no gosto de: (i) "*As indiretas da mulata velha Corumba, a confiada, que lhe adivinhava a maganagem, é que lhe davam no gôto. Daí, puxar por ela. Que se dizia? Que vira ela? Era melhor que se importassem com as suas ventas. Ninguém se livra do falatório do povo, que anda sempre a cascavilhar na vidinha do próximo.*" *(PAIVA, [1891] 1952, Livro Terceiro, V, p. 123)* ***(ii)***"*— Mas, professor,*

dá licença? Eu, pilheriava o rapaz, eu já sou fazendeiro e sei de tudo isso... Queria era um latinzinho... Chega me dava no gôto! — Sai daí! Tu és lá fazendeiro, tu és um punga! Ne sutor ultra crepitam. – Isto sim, que eu gosto! Mais um pinguinho, ande!"

- **DAR O BICHO DE ITIRIÇA:** síndrome de várias moléstias, caracterizada pela coloração amarela dos tecidos e das secreções orgânicas, resultante da presença anormal de pigmentos biliares*: "Ainda bem quitu diz que quem matá sapo mate bem morto, porque senão o sapo vai secando e a gente também... Havera de te dá o bicho da itiriça! Diabo que te mate, língua de briba! Mais quem fô neném que s'ingane contigo: pelos picos se vê a altura do monte." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Terceiro, I, p. 98)*
- **DAR VINTÉM PRA NÃO ENTRÁ E UM BOI PRA NÃO SAIR:** Ditado popular. Significa não se esforçar para entrar em uma briga, mas prosseguir até o fim caso entre. "*Os cães ladraram para o caminho do Vavaú, e Seu Antônio notou que por êle vinha um vulto a cavalo. O vulto adiantava-se. Seu Antônio conheceu que era um vaqueiro, e disse de si consigo: — Home, aquêle mó que é dos que dão um vintém pra não entrá e um boi pra não saí? Aí no duro!" (PAIVA, [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 174)*
- **DEUS ESCREVE DIREITO POR LINHAS TORTAS**: Ditado popular que significa que Deus sempre consegue estabelecer a verdade por mais difícil que pareça ser: "*Mas ali êle estava tão bem! Fazendeiro, senhor, amo, quem sabe o que o futuro lhe reservava? Não se diz que Deus escreve direito por linhas tortas? Daquele*

crime contra a moral e a honra não poderia resultar uma ventura? (PAIVA, [1891] 1952, Livro Quarto, I, p. 133)

- **DOER NA VISTA:** Diz- se de algo que é extremamente claro ou de cor forte que chega a causar desconforto nos olhos: ***(i)*** *"Os cúmulos de inverno, impertinentes, monstruosos, apresentavam alvuras que doíam na vista, e negrumes, sem transição". (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p. 38)* ***(ii)*** *" Ninguém na frente da casa onde o sol, batendo de lado, enesgava pelo alpendre uma claridade quente e aluarada. O dia doía na vista."*
- **ENTRAR POR UM OUVIDO E SAIR PELO OUTRO:** Não ser levado em consideração (pedido, recomendação etc): "*Sabia lá! Entrava-lhe por um ouvido, saía-lhe pelo outro. E com intenção: Só sabia, sim, que quem bem me avisa meu amigo é. O cumpadre que deu tanto valor àqueles forasteiros, é que sabia o que êles valiam. Antõe Morera não era gente de dixe que dixe... O cumpadre porque também não dava uma volta por lá?..." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 182)*
- **ENXUGAR O COPO:** Beber até a última gota do copo: "— *Você meteu-se no gole, Corumbá. Não me importa que* enxugue lá o seu copo, *mas perca êsse costume de alinhavar tudo. Oh!..." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Segundo, I, p. 74)*
- **ESTAR COME NÃO COME:** Expressão popular utilizada para dizer que algo está prestes a ser alcançado, encontrado, atingido: "*Olhe que é três léguas grandes, obtemperou o vaqueiro. Seus burros a onça está come não come." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p. 32)*

- **ESTAR DE VENTO EM POPA**: Expressão popular usada quando tudo está indo conforme o planejado: "*O Seu Quim apareceu com o baralho, e jogou de parceiro com a Carolina, que a Senhora chamara para êsse fim. Não teve língua para dizer nada. E Guida de vento em pôpa na viagem do crime.*" *(PAIVA, [1891] 1952, Livro Quinto, I, p. 166)*
- **ESTAR NOS MOCOTÓS:** Expressão popular que significa seguir a alguém imediatamente a atrás: "*Seu Joaquim, vá seguindo, que eu já lhe pego. Antes de você alcançar a vila, estou-lhe nos mocotós.*" *(PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.32)*
- **ESTAR-LHE NOS MOCOTÓS:** seguir a alguém imediatamente a atrás. Houve um pedaço em que o cavalo faltou um bocadinho, e o novilho quase arremete. Mas o Trovão não fracateou. Tomou nova carreira, com tamanho terramote que, num suave descambar do terreno, viu-se o Torém cair muito sôbre o lado direito, segurar na saia do bruto, e quando êste levantou os quartos no galope, o vaqueiro lhe deu um repuxão que o fêz rolar de bater o mocotó. (PAIVA, [1891] 1952, Livro Quarto, II, p. 143) "Seu Joaquim, vá seguindo, que eu já lhe pego. Antes de você alcançar a vila, estou-lhe nos mocotós." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.32)
- **FAZER (ALGO) POR CIMA:** Fazer algo mal feito; superficialmente: "*Aí, na vila, passou a Guidinha, em companhia da avó, os quatro anos que gastou na escola régia, onde aprendeu a ler por cima...*" *(PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, I, p.20)*

- **FAZER AS HONRAS DA CHEGADA:** Dar (o dono ou morador de uma casa, ou alguém a seu pedido) boa acolhida a visitas ou hóspedes cuidando do seu bem-estar: *"Oh, meu caro Senhor! exclamou o rapaz, puxando a cadeira que lhe oferecia. Se não me engano é o mesmo cavaleiro que me fêz as honras da chegada, não?". (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, VII, p.46)*
- **FAZER BOA SÚCIA**: Fazer festa familiar; pagode. *"A Margarida com seu exagêro, despejou um copo de vinho na cabeça de um convidado que não queria beber mais. Compareceu um velho ferreiro, dizendo de décimas e brejeirices, que fêz boa súcia." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Segundo, II, p. 81)*
- **FAZER CERIMÔNIA:** Hesitar ou não tomar iniciativa por vergonha ou delicadeza. 2. "demonstrar timidez, acanhamento; recusar algo mesmo quando o deseja. **Sem cerimônia:** à vontade; distenso, desembaraçado: *"Diante dos vaqueiros e dos escravos, Guida não fazia cerimônias; mas, vendo encaminhar-se um cavaleiro de certa ordem, ficou sobremodo acanhada." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, III, p. 30)*
- **FAZER OS GOSTOS:** aprovar, apoiar, ficar feliz. De fazer gosto: maravilhosamente, esplendidamente. Fazer o gosto de: satisfazer o desejo de; fazer a vontade de: (i) "O Seu Vigário bem sabia que ela casara com aquêlehomem para *fazer os gostos* do pai. Há mais de dezesseis anos, só ela sabia a vida penosa que vinha suportando..." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Quinto, III, p. 190) (ii) "— Sim, Senhor. É de uma raça de jumentos da Baía, que eu tenho lá. Ca figuras! Bem encascados que faz gôsto, possantes...

Tem até um que bralha." (iii) "Que tem bôca de rubim/E tá dançando na roda... /Faz gôsto dançar assim!" (iv) *Dar gôsto:* "A praça da matriz, forrada de pasto rasteiro, com os seus pés de cajá, de tamarindo, alguns sobrados, casas caiadas, sol, dava gôsto, alegrada pelos mastros em bandeirados das noites da trezena." (v) *Com muito gosto* "– Com muito gôsto! — respondia o Secundino. — Também quais são as minhas ocupações?"

- **FAZER ROL DE TUDO QUANTO HÁ:** Que ou aquele que conversa sobre muitos assuntos ao mesmo tempo, minuciosamente detalhados "*— O Senhor não repare estas coisas, não: é costume velho de Mãe Anginha. Quando agarra uma pessoa, quer fazer logo um rol de tudo quanto há. E se é gente que vem de baixo, então...*" *(PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, VIII, p. 48)*
- **FAZER-SE VERBOSO:** Pôr-se a falar muito: "*Como para recompensar a boa vontade com que o velho vaqueiro, que viu logo ser o mor da casa, lhe respondia, o Secundino fazia-se verboso, inquiria, comentava, dizia graças, tomava liberdades*" *(PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p. 34)*
- **FICAR DOIDO DE PEDRA:** Aquele que age de maneira insensata, desajuizadamente. Esta expressão coloquial pode ter origem na época medieval devido as práticas em hospitais psiquiátricos, pelo uso excessivo de remédios "*Era, sim, Senhora, afirmava o parceiro. Era muito fiel. Tinha uma coisa: não podia tocar em bebida. Perdia o senso? Xi! Ficava doido de pedra.*" *(PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, X, p. 56)*

- **FICAR O DITO PELO O NÃO DITO.** Desfazer uma combinação, promessa, compromisso, acordo. 2. Negar o que se disse, contradizer-se, desdizer-se, desmentir-se "— *Vosmicê, já uviu, tia Aninha? mandeentregá o cavalo em que eu vim, cos arreios, à Seá Dona Guida, e dizê a ela que fica o dito pelo não dito. — Dito por não dito de quê?" (PAIVA, [1891] 1952, Livro Quinto, VI, p. 202)*
- **LARGAR A GOELA NO MUNDO:** Falar/Cantar em volume elevado*: "Os cantadores largavam a goela no mundo, impregnando no verso a volúpia do baião" (PAIVA, [1891] 1952, Livro Segundo, III, p. 90)*
- **LARGUE O CABESTRO QUE A BESTA É ALHEIA:** Ditado popular usado como espécie de aviso ou conselho a outrem para que não insista ou que desista de argumentar em alguma situação: "— Pois, Miguelzinho, você quererá sustentar que o rei de espada era seu? —Era sim! Largue o cabresto que a bêsta é alheia." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, X, p. 55)
- **LAVAR A HONRA**: Vingar-se de modo a preservar a honra. Desforra, retaliação "*Quem veio a saber disso foi o Miguelzinho do Vavaú tempos depois, que o taxou de pusilânime, pois o que êle devia ter feito era naquela mesma noite disparado, sim, os dois tiros, mas um na Guida e outro no miserável, que docontrário a moral não podia ficar de pé. Bala, Seu Quinco, é só o que lava a honra!." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Quarto, III, p. 153)*
- **MANDAR (PEÇOAS) DESDE MUNDO PARA U OTRO MUNDO:** Matar, assassinar. Tirar a vida **"***Sr. Major Joaquim Damião; Temos a certeza de que o Sr. tem aproposito de mandar três peçoas deste*

lugar para u otromundo porém tenha sentido no bote que pretender dar v. s. se ouver uma hora de diferença no açalto que imprende, aviso-lhe como Amigo que não hade ter tempo de arrepender-se do que fez porque do que ficar no correr desta hóra o menor pedaço que lhe deixa he a urelha." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 188)

- **MATAR O TEMPO.** Entreter-se, divertir-se com algo sem importância para distrair-se "*O rapaz nem se lembrava de abrir os livros de histórias e novelas que trazia, para matar o tempo". (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, IX, p.52)*
- **METER A MÃO NO FOGO:** Acreditar em alguém sem reservas, confiar plenamente. 2. Responsabilizar-se por ou não ter quaisquer dúvidas em relação a algo ou alguém."— *Meu fio, respondeu, não julgues o bom por bom nem o mau por mau, que antes absolvê um culpado do que condená um inocente. Eu non meto a mão no fogo por Pêdo nem Paulo; mais, porém, de minha parte non posso jurá nem que sim nem que não, o que está no coração só Deus é quem sabe, pesá de que nada se faz no escuro que não suba ao teiado..." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 177)*
- **METER-SE NO GOLE**: Embebedar-se."— *Você meteu-se no gole, Corumbá. Não me importa que enxugue lá o seu copo, mas perca êsse costume de alinhavar tudo. Oh!..." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Segundo, I, p. 74)*
- NÃO SER DE MEIAS MEDIDAS: Aquele que toma soluções ou decisões definitivas, que resolvem eficazmente um problema ou

uma situação complicada "O vaqueiro acompanhou-o e lhe puxou as botas; e, despedindo-se para ir para o campo, lhe fez ver que não se pusesse com cerimônias, que o que quisesse pedisse, que podia estar certo de que estava em sua casa, que a Sinhá Dona Guidinha *não era de meias medidas*." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.36)

- **NÃO SER DE TEOREGAS NEM DE INTIFAS:** Diz-se de pessoa direta, determinada, sem rodeios *"—Seá Dona, essas gentes do seu Major Quim, qui nós lá chamava Damião, é tôda naquela toada. Vosmicê vê? aquêle moço nom é de teoregas nem de intifas. (PAIVA, [1891] 1952, Livro Terceiro, I, p. 99)*
- **NÃO TER NEM PRA MEIZINHA:** Que se acabou, que não resta nada "*—Venho é ver uma rêde e uns paus para se levar o homem pra onde haja casa de cristão, que êle ficou cos outros, que estão lá fazendo meizinha por mó de ver se êle escapa, mais porém que eu não acredito qui sirvam... Estão debaixo d'úa moita, sem água, nem sicorro..." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Quarto, II, p. 147)*
- **NINGUÉM BOTA PANELA NO FOGO:** Expressão popular: diz-se de quem não se confia, ou é dado a desconfiar**: "**Mais o velho pega, e se hai de compô as coisas cos adversaro, que êle bem que lhe dixe que cum uma política ninguém *bota panela no fogo,* que por adonde entre um sai dois, mais tarde ou mais cedo..." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p.39)
- **O DIABO NÃO É TÃO FEIO QUANTO SE PINTA:** Expressão popular usada para dizer que as coisas não tão ruins quanto parecem ou como dizem ser "*Por outro lado, ali onde êle estava*

quem dava as cartas eram os chimangos, fortemente organizados, para os quais a Guida era trunfo. E no mais o diabo não era tão feio como o pintavam. O presente era bom, o futuro que se amolasse." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Segundo, III, p. 85)

- **O FUTURO QUE SE AMOLE:** causar ou sofrer aborrecimento; aborrecer (-se), importunar (-se), maçar (-se) "*E no mais o diabo não era tão feio como o pintavam. O presente era bom, o futuro que se amolasse." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Segundo, III, p. 85)*
- **O TEMPO VINGA O TEMPO:** Expressão popular usada no sentido de obtenção de justiça em que as pessoas que fizeram o mal uma hora outra vão sofrer as consequências de seus atos "*O velho retraiu-se, engolindo a resposta que devia dar. Depois, com respeitosa amargura: — Minha cumade, o tempo vinga o tempo. Meu pai foi vaqueiro do pais de Vossa Mercê, e vivêrum sempre de bom acôrdo, in roda de muitos anos. Eu ainda servi cum o pai de Vossa Mercê. Gente de Antônio Moreira da Silva nunca faltou com respeito nem a nêgovéio cativo. (PAIVA, [1891] 1952, Livro Terceiro, I, p. 100)*
- **ONDE CARNEIRO MAIA E ANDORINHA DORME**: ser astucioso **"***Essas onças são uns diabos do Cão, principalmente onça de dois péis. Ah! cabra desgraçado! ladrão! Se fôsse eu, te dava mas era um ensino de mestre!... Mas aquilo sabe onde carnero maia e andorinha dorme. Cabra onzonero! Vígi como o satanaztá adulando a pobe da Sea Dona Guida! Come a pobe por um pé. Tu tá bom mesmo é pra guarda-costa, xujo!" (PAIVA, [1891] 1952, Livro Segundo, III, p. 85)*

- **PADECIMENTO PASSADO É LOGO ESQUECIDO:** Ditado popular que significa ignorar aborrecimento passado para que não interfira na vida atual "*Ai menino! êle não lhe podia contá todo o sucedido, vexames e agonia, de que não queria se lembrar mais. Padecimento passado é logo esquecido...*" *(PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p.39)*
- **PASSAR O GÔSTO:** Expressão popular referente a mudar de ideia "*O rapaz mostrava- se um tanto contrariado. Quando tinha de fazer uma coisa queria fazer logo, senão passava o gôsto.*" *(PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, XI, p.59)*
- **PELOS PICOS QUE SE VÊ A ALTURA DOS MONTES "***Diabo que te mate, língua de briba! Mais quem fô neném que s'ingane contigo: pelos picos se vê a altura do monte. Êste diabo come a pobe da Seá Dona Guidinha por um pé!" (PAIVA, [1891] 1952, Livro Terceiro, I, p. 98)*
- **PERNAS PARA QUE TE QUERO**: Ditado popular que indica a ação de fugir correndo diante de um perigo, ou sair em disparada de uma situação ameaçadora."*Não acabou a frase. Um tropel violento passou-lhe por de junto. Ficou a abugalhar, absorto para um ramo que, trepidando ao luar, balançava ainda.* Pernas para que eu te quero!" (PAIVA, [1891] 1952, *Livro Quarto, III*, p. 152)
- **PÔR OS BOFES PELA BÔCA:** estar arquejante, esbaforido, por algum grande esforço físico "*Chegou em casa pondo os bofes pela bôca, e não contou nada, já pela vergonha, já pelo mistério íntimo daquela ida ao rio, assim no meado da noite*" *(PAIVA, [1891] 1952, Livro Quarto, III, p. 153)*

- **PÔR-LHE ÔLHO CANINO:** Manter os olhos fixamente em alguém; encarar "*A Lalinha mirava-o. Que sermão, que nada! Êle mirava para ela, e para a Guida, e para o pregador, sem excluir uma lambidela visual de moça em moça bonita. Guida sentia zelos pelo sobrinho grelas para outra que não fôsse ela sòmente, e lhe punha um ôlho canino" (PAIVA, [1891] 1952, Livro Terceiro, III, p. 110)*
- **PÔR-SE COM TRELAS:** Controlar-se "*—E apois então, minha rica branca? A gente também não há de pricurásuas melhoria? Só branco é que é fi de Deus? Apoisvosmicê era inté mais a favô dos negô, o qual não é agora. Óie que vosmicêtá ficando posnêgo... — Não olhas tua Senhora que aí vem, não? Põe-te com trelas..." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Segundo, I, p. 73)*
- **POUSAR O CORPO:** Deitar-se; repousar "*Pousado o corpo, alegrado o espírito pela descoberta do tio ricaço, respirava agora todo o pitoresco daquêles sertões, na sua muda solenidade" (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, I, p. 15)*
- **PRECIPITÁ UM CRISTÃO:** Tirar a vida de; assassinar; matar "*No dia imquiêle amanhece ca veia de nêgo d'Angola atravessada na garganta é capais de precipitá um cristão... O home non se ocupa im nada, infalive há de dá pra algúa coisa!"(PAIVA, [1891] 1952, Livro Terceiro, I, p. 100)*
- **QUEM AMA O FEIO, BONITO LHE PARECE:** Expressão popular que significa que quem ama não vê defeitos na pessoa amada "*[...] Um jogar de impressões, certamente pelo abalo mais ou menos fundo que sofria o ser com a assimilação do novo alter ego. Terminou por constituir-se no paciente dessas variantes, um tipo*

ideado e perfeito. Quem ama o feio, bonito lhe parece." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Terceiro, V, p. 123)

- **QUEM NASCEU PARA DERREIS NÃO CHEGA A VINTEM:** Ditado popular que significa não ter solução para alguém ou coisa: "*Desde que deixara em Goianinha, metera-se para o Rio Grande do Norte, adonde possuía os seus bichinhos, na Serra do Martins. Com o auxílio de Deus ia vivendo. Mais porém quem nasceu pra derréis não chega a vintém." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p.39)*
- **RECEBER NO PÉ DO ALTAR:** Expressão que significa casar-se."— *Quem? Eu, Dona Guidinha? E a quem hei de querer senão a êle, que recebi no pé do altar?" (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, XII, p. 67)*
- **RISCAR NO TERRÊRO:** Aparecer; chegar "— *Abasta. Se arranche logo, que ali ó pôr-do-sol êle risca aqui no terrêro." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.33)*
- **SE AMARRA O BURRO ONDE O DONO MANDA:** Expressão popular usada para dizer que se deve fazer exatamente como o patrão ou o chefe ordena "— *É mió ficá assim... Non queima tanto. — Mas eu quero o S como eu fiz! E as setas com as barbas e farpas! — Ah! o S com as cabecinhas, e a frecha co rabo?... Apois está bom. E concluiu, depois de refletir: — O gado é de vosmicê... Se amarra o burro onde o dono manda."(PAIVA, [1891] 1952, Livro Terceiro, V, p. 121)*
- **SE DEUS NÃO MANDAR O CONTRÁRIO:** Ditado popular que significa esperar e cumprir a vontade divina "— *E quando vai, Senhor Secundino? — tornava a velha novamente. — Nestes*

quinze dias, Senhora Dona Ângela, se Deus não mandar o contrário." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, IX, p.52)

- **SEGURO MORREU DE VELHO, DESCONFIADO AINDA É VIVO:** Ditado popular que aconselha a sempre agir com cuidado; ser cauteloso, prudente, prevenido "*As jerimataias, entrelaçadas com os mofumbos da beira do rio, formavam adiante dele um belo fechado de fôlhas e de vergônteas, sôbre a limpa areia dos aluviões, bordada de pequeninos seixos. Ainda ouviu o Barbado cantar: Seguro morreu de velho/ Desconfiado ainda é vivo... (PAIVA, [1891] 1952, Livro Quarto, II, p. 146)*
- **SEM A VONTADE DO HOMEM LA DE RIBA NÃO CAI UM FOLHA DE PÉ DE PAU:** Ditado popular de caráter religioso que expressa que a vontade de Deus é soberana até no acontecimento mais banal "*Que sem a vontade do Homem lá de riba não cai uma fôlha de pé de pau. Se fôssem os filhos grandes, êle teria navegado para o Aracati ou para a capital para aventurar a vida em outras paragens." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p.40)*
- **SER CARA DE PAU:** Diz-se de pessoa que é desavergonhada e cínica."*Os cantadores continuavam na louvação. Carolina vem, e atira no Secundino. — Não pode arrecusá! Não faça desfeita! A outra, que era a Mercês de Seu Antônio, atirou no Silveira. Secundino estava demorando por denguice, que isso lá de cara de pau êle a tinha bastante." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Segundo, III, p. 91)*
- **SER DESPACHADO**: Que ou quem é espontâneo, franco, sem cerimônias. Que ou quem apresenta franqueza e desembaraço, é

muito despachado no modo de agir e de falar "*Depois ficaram os dois homens, que atiraram em duas raparigas donzelas, cunhãzinhas do Itambé. Guida tinha o ôlho grelado para o Secundino que estava muito despachado e saído.*" *(PAIVA, [1891] 1952, Livro Segundo, III, p. 93)*

- **SER LEVADA DA BRECA:** Diz-se de pessoa irascível, travessa traquina, endiabrada, caprichosa "*E assentou logo: qui hai coisa, é bom escogitá. Aquela Guida também! aquilo é uma danada, levada da breca, da carepa e da canita, e se ela não fêz ainda uma terramote é mó de que Seu Majó tem oração forte consigo...*"
- **SER SENHORA DAS SUAS VENTAS:** Que tem controle sobre si mesmo "*A Guida, mãos rôtas, que fazia derramar ancoretas de vinho nas suas festas, senhora de suas ventas, essa era extremada no proteger ou no perseguir.*" *(PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, VII, p.45)*
- **SER TOPETUDO:** Diz-se de indivíduo valentão, destemido, arrogante, audacioso "E a Guida a repisar que era muito serviçal e pacato. O retirante melhor que ela vira. Trabalhador... Mas meio topetudo." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, X, p.56)
- **TER BOM GÔSTO:** Aquele que tem qualidade estética indicativa de tal apreciação ou julgamento "*— Pois tenho uma tia de se lhe tirar o chapéu, meu amigo. Olha que o velho teve bom gôsto!*" *(PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.34)*
- **TER O BUCHO A IMPAR:** Ter comido ou bebido exageradamente "*As vacas tinham recolhido ao curral com o bucho a impar.*" *(PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, VIII, p.48)*

- **TER O PRÊTO-DO-OLHO:** Diz-se ao referir-se, popularmente, à íris, independente da sua cor *"Tinha o prêto-do-ôlho amarelo, com a menina esverdeada, semelhando um tapuru." (PAIVA, [1891] 1952, Livro Primeiro, I, p. 15)*
- **TROVEJAR MUITO CACÊTE:** Expressão usada para dizer que houve briga, pancadaria *"— Olhe o Seu José o que andava fazendo! E êle foi prêso? — Inhora, não. A tropa vinha aí atrás... Um vaqueiro da Lagoa levara uma facada no braço... Diz que trovejou foi muito cacête... O tocador da rabeca vinha prêso."(PAIVA, [1891] 1952, Livro Terceiro, II, p. 105)*
- **VER O FIO DA MEADA:** Expressão popular que siginifica lembrar do que se estava falando inicialmente. Retomar assunto da conversa *"Êle me respondeu mais ao menos que nem com tanta sêde ao pote, que de estrumes semelhantes é que assim mesmo ainda se vai nutrindo a vinda do Senhor. — E que respondeu a êsse padre, Seu Conrado? — Nada, vi que era um falso profeta. Disfarcei, com pena dêle, porque fôra meu amigo. Lá via agora o fio da meada" (PAIVA, [1891] 1952, Livro Quarto, III, p. 156)*

BIBLIOGRAFIA

MARTINS, Vicente de Paula da Silva ; CERQUEIRA, Gislaine Costa. **Dona Guidinha do Poço. Dicionário de cultura Linguístic**a. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

PAIVA, Manoel de Oliveira. **Dona Guidinha do Poço**. São Paulo, Saraiva, [1891] 1952.

Fraseologia extraída de *Luzia-Homem* (1903)

- **DEITAR/BOTAR A ALMA PELA BOCCA:** ficar com a respiração acelerada, ofegante.”E a mãe, a querida mãesinha, que era o seu tudo neste mundo? Não era possivel abandonal-a a cuidados estranhos, doente, quasi entrevada, como estava, a deitar a alma pela bocca, quando a accommettia o implacavel puxado. Os brincos e o cordão de ouro, que lhe dera a madrinha, vendidos aos mascates da miseria, não dariam com que pagar o transporte da pobre velha em carroças puxadas por homens atrellados dois a dois, como animaes de tiro. Era esse, naquella quadra de infortunio, o vehiculo das familias abastadas, que já não possuiam cavallos e muares de carga e montaria.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. III, p. 8) e” — Benção de Deus, filha. Vens tão cansada. Teimas em carregar agua nessa jarra... Estás a botar a alma pela bocca...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. V, p. 14)

- **BOTAR A BOCCA NO MUNDO:** contar um acontecimento para várias pessoas. Contar algo para alguém. “— Tambem ouvi – affirmou outra voz mais clara e forte. – Deixemos de historias. ‘É melhor não teimar. Ellas botam a bocca no mundo e estamos perdidos... Nada. Aquillo, aquella bruta, não é mulher de brincadeira... (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIII, p. 48)

- **BRIGAR COM (ALGUÉM) A FERRO FRIO:** equivalente a” malhar em ferro frio fraseologia”, figurativamente, “perder o tempo ou o trabalho; trabalhar em vão”. “[...] Vendo, então, que o diabo me matava mesmo, e que eu não podia com vantagem brigar com elle a ferro frio, perdi as cerimonias, e lasquei-lhe fogo...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p. 45)

- **CUSTAR OS OLHOS DA CARA:** ter preço abusivo; ser exageradamente caro.”Que queria você, seu Crapiúna?" — “O que, me prometeu... Olha, diabinho, tu me tens custado os olhos da cara e se não fosse porque..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIX, p.74)

- **DAR CABO AO MACHADO:** inventar problema sem ter necessidade, ter algum tipo de aborrecimento à toa, sem causa aparente. "Você sabe que morreu mesmo; e, então, a filha foi para a companhia da Chica Seridó; e nunca mais me occupei com a vida de semelhante desmiolada... É verdade que não faltou quem attribuisse os meus actos a embellezamento pela moça, que dava cabo ao machado, inculcando-se..."." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIV, p. 52)

- **NÃO DAR O BRAÇO A TORCER:** figurativamente, com a noção de"abrir mão de uma teima ou opinião; render-se a uma evidência (muito us. na negativa)", também viável o sentido de" reconhecer erro próprio; dar-se por vencido"." Tive impetos de pedir-lhe perdão. Uma voz, que vinha daqui, do coração, aconselhava que eu quebrasse a teima de abandonal-o e fugir delle... Seria rebaixar-me, fazer como essas que continuam a querer bem ao homem que as despreza, surra e maltrata; seria contra o meu genio de não dar braço a torcer, de não dar parte de fraca, de soffrer calada." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXV, p.100)

- **ENCURTAR RAZÕES:** encurtar a conversa, terminar ligo o que se estar contando (razões com sentido de"discurso oral ou escrito em defesa de determinada causa"). "[...] Não é por me gabar, alva como uma imagem, com duas rosas nas faces e carnes rijas como pau!... Meus cabellos pareciam de oiro e meus olhos eram azues e claros como duas contas. O mundo e a pobreza estragam a gente. Hoje, veja como estou murcha, engelhada, cheia de sardas... Mas, para encurtar razões, quando o moço foi embora, o homem poz-me de confissão; e, não sabendo eu o que lhe dizer para me desculpar de falta que não me passára pela cabeça, disse-me uma porção de desaforos pórcos, nomes de mãe; chamou-me sem-vergonha, safada, deslambida, e, agarrando-me pelos cabellos, deu-me tabefes...(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p. 43)

- **ESTAR PELA HORA DA MORTE:** muito caro (diz-se de mercadoria qualquer). "— Não é difícil — atalhou Marciana. Mas, o senhor deve saber que o milho está pela hora da morte..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIV, p.95)

- **(FICAR) COM AS ALMAS NOS OLHOS:** estar muito atento a algo. "Luzia e a mãe ouviram a narrativa, num enlevo de alegria, num enlevo de pasmo, com as almas nos olhos, como si lhes revelassem casos fabulosos, casos sobre- humanos. Era possivel que Theresinha houvesse realisado tão assombrosa façanha?" (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XX, p.79)

- **ESTAR VAE NÃO VAE:** de uso informal, tem o sentido acima de"comportamento ou atitude que revela indecisão, hesitação, dúvida sobre querer ou não desejar fazer algo". Contemporaneamente, diz-se ainda"sai não sai", com a mesma acepção. A título de curiosidade, temos ainda a expressão bem parecida com a da obra "vai, não vai", com a variação para"volta e meia; frequentemente; foi, não foi." — Qual, mulher! Aquillo é o cansaço de estar fazendo quarto á mãe, que estava vae não vae. Não ha nada para escangalhar uma creatura como labutar com doentes..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVI, p.59)

- **FALAR/RESPONDER COM MEIAS PALAVRAS:** é o que damos para meias-palavras, isto é," palavras que não dizem tudo, que encobrem informações ou que fazem insinuações veladas; palavras cujo significado, não inteiramente exposto, se percebe ou pressupõe" ou ainda"palavras evasivas ou paliativas". "Occorreu, então, a Luzia o que lhe havia dito Alexandre, alludindo em termos vagos, a uma intriga que não queria revelar diante dos outros prezos. O promotor tambem lhe falára, com meias palavras, de uma pequena complicação, naturalmente alguma coisa desfavoravel, algum indicio de culpa... Que seria?... Que intervenção diabolica frustra o milagre, perturbando a visão de Theresinha, lhe offuscando a memoria? Quem sabe se ella não vira o ladrão e, por natural delicadeza, se esquivava de lhe patentear a dolorosa realidade para não a magoar, privando-a do ineffavel conforto da esperança com a desillusão e a tristeza esmagadora de deparar a verdade fria e implacavel?!" (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XI, p.41)."Nunca estivera Luzia mais attenta, mais solicita na occupação de directora das meninas costureiras. Fingindo indifferença aos comentarios e informações, resmungados de grupo em grupo, sobre o extraordinario caso do dia, ás

perguntas indiscretas, alheia aos gracejos inoffensivos, levemente maliciosos, das companheiras de trabalho, respondia com meias palavras, com evasivas curtas de quem se não quer importunar de olhares impertinentes, de mexericos, de insinuações. Mas, as meninas mais talúdas cochichavam a respeito da mestra; trocavam gracejos contemplando-a, de soslaio, muito espantadas de que ela não acompanhasse o contentamento dos amigos de Alexandre, que eram, então, muitos, quando devera ser a mais interessada no desfecho do aleive urdido pelo scelerado Crapiúna." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIII, p.86)

- **FAZER DE UM ARGUEIRO UM CAVALLEIRO:** dar importância exagerada àquilo que é insignificante." — Qual o que! A gente faz de um argueiro um cavalleiro, fica amuada, jura por quantos santos, faz finca-pé... É o mesmo que nada. Quem quer bem não tem vergonha. Eu, ralada neste mundo, que o diga." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVIII, p. 71)

- **NÃO SE FAZER MÓSSA:** com acepção figurativa de"perturbação moral e/ou emocional; agitação, abalo". "— A fallar a verdade, não era de todo mau. Fiquei por medo e por não ter coragem de começar a vida de novo... Já tinha padecido tanto, que mais um pouco não me fazia móssa. Mal com elle, peior sem elle, que, tirante as venêtas de ciume, era bom para mim; dava-me tudo: era só pedir por bocca, como dona de casa... Maridos, casados na igreja, batem nas mulheres, quanto mais... Ora, deixei-me estar, mas pensando sempre que o meu adorado Cazuza nunca me havia maltratado, e que eu devia, mais cedo ou mais tarde, tomar desforra; porque, apezar de franzina, ninguem m'as faz, que não as pague, tão certo como Deus estar no céo.". (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p.44)

- **FECHAR O CORPO (CONTRA MÁO OLHADO):** no contexto, a noção de" Supostamente, tornar o corpo invulnerável a ataques ou outros malefícios, mediante magia, feitiçaria etc. "— Você está... – mas é fisgado pela macho e femea – arriscou o camarada Belota que lhe ouvia a confidencia – Aquilo tem

mandinga... Quem sabe se não te enfeitiçou!... Olha que ella tem uns olhos que furam a gente... E então aquella cabelleira... Acho melhor pedir á Chica Seridó uma oração forte para desmanchar quebrantos e fechar o corpo contra máo olhado." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 6)

- **FICAR A PANOS DE VINAGRE:** ficar muito doente[2]. "— Qual horrivel, qual nada. Já vi gente morrer á minha vista. Não foi uma nem duas creaturas. Tivera eu a sua força, não precisaria de arma: quebrava-lhe a cara safada que ficaria a pannos de vinagre. Quando elle me dissesse alguma liberdade, dava-lhe tamanho tabéfe...(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IV, p.13)

- **FICAR COM A MOSCA NA ORELHA:** equivalente à expressão"de orelha em pé", com sentido de"de sobreaviso, desconfiado, alerta"" — Pensei que se engraçára de ti. Fiquei com a mosca na orelha desde aquelle mimo dos cravos." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXV, p.100)

- **FICAR MAIS MORTA DO QUE VIVA:** pelo contexto, levar um grande susto, ser maltratado[3]. " — Eu fazia idéa da furia, da damnação delle, quando deu por falta de mim, da cunhãsinha russa. Imaginei os berros, os despropositos, as pragas, que me irrogou, as ameaças de desforra, pois sabia que não era homem para se conformar com o roubo da mulher. Meu dito, meu feito. Um dia chegou Bentinho muito assustado, recomendando que me escondesse, porque lhe haviam inculcado gente do Bertho nos arredores da povoação. Fiquei mais morta do que viva. Não

[2] A expressão"em panos de vinagre" é atualmente pouco utilizada em Portugal, embora apareça em fontes do passado, como na obra de autores portugueses do século XIX. Um exemplo disso é encontrado em *Contos Tradicionais do Povo Português* de Teófilo Braga, onde é mencionada a frase: «*Achou o rei de cama todo em panos de vinagre*» (p. 106). A interpretação dessa expressão sugere que"em panos de vinagre" significa *muito doente*. O vinagre, utilizado em compressas ou"panos" como remédio caseiro para baixar a febre, corrobora essa leitura. Com base nisso, postulamos o ano de 1903 como possível datação para o surgimento e uso desta expressão.

[3] Se considerarmos a expressão morto-vivo (ou morta-viva), poderemos postular aqui o ano de 1903 para a datação da referida expressão, com sentido de"indivíduo desprovido de vivacidade, de ânimo, de ação".

me podia levar para a fazenda, porque a familia, que tudo ignorava, não consentiria nisso. A velha que quase não dava fé de mim e vivia muito occupada na criação, entrou a tomar precauções para ninguem suspeitar a minha estada em sua casa. Um dia, era dia de, feira, e eu tinha um desejo doido de ver a reunião de gente de uma redondeza de vinte leguas, vendendo legumes, farinha, rapadura e outras produções da lavoura; mas a megéra não consentiu que eu botasse o nariz de fóra. Alli por volta de meio-dia, ouvimos tiros de bacamarte e uma algazarra dos demonios, um bate-bocca desadorado. Pouco depois soubemos que houvera um péga entre cangaceiros, desconhecidos no logar, e a gente do Bentinho, e que já havia morrido um homem... Que seria?... Fiquei numa afflicção, tremendo de susto, mas experimentava uma secreta satisfação que fosse por minha causa a briga e o sangue derramado." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p. 44)

- **NÃO GUARDAR CABRAS:** expressão tipicamente regional, equivalente a"não mostrar as cartas","não pôr as cartas na mesa", com sentido de"não esclarecer uma questão, um problema, sem omitir nada" ou"não declarar francamente suas intenções"; ou, ainda," não abrir o jogo", com sentido figurativo de"entregar o jogo, expor-se, confessar" ou"dar publicidade a algo pouco ou nada conhecido, que se vinha mantendo em sigilo parcial ou completo"."Desde que tomára a peito quebrar o encanto de Luzia-Homem, andava-lhe a sorte arrevesada. Perseguia-o um caiporismo incessante, que o tornava ainda mais irritadiço e trefego, principalmente quando Belóta, chasqueando, insinuava que elle estava contra o sentido do rifão, sendo infeliz no jogo e no amor, e attribuia as perdas consideraveis, que elle soffria, ao facto de andar com o juizo passeando, em vez de fixal-o nas cartas ensebadas e sujas do baralho, recurvado em fórma de telha pela pressão do partir, repetindo-lhe a cada pichotada, que jogador não guarda cabras." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVII, p.64)

- **LAMBER VIDRO DE VENENO POR FÓRA:** pelo contexto, a equivalência fraseológica mais próxima é "comer com os

olhos", com a noção de"desejar muito; cobiçar" ou"fixar um olhar ávido, cobiçoso em (pessoa amada ou objeto desejado)".."E como o soldado, em cujo coração se derramara fel, ficasse a scismar, Belota affastou-se com um gracejo ferino: – Alli é vêr com os olhos e comer com a testa ou lamber vidro de veneno por fóra, como rato de botica. Toma o meu conselho. Não te mettas com a bruxa que cheiras vara!" (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 7)

- **LEVAR/MANDAR/IR (MUITA) GENTE DESTA PARA MELHOR:** matar."Com esses remedios sarára a defunta Desideria – affirmava a feiticeira – que padecia de um puxado com apertos do coração e uma dôr que lhe tomava o folego, respondia – lá nella – nas cruzes e alastrava pelo braço esquerdo, que às vezes ficava esquecido. Vivera a enferma muito tempo, trabalhando como uma negra, apanhando sol e chuva; e, senão fôra um ataque violento que não deu tempo para nada ainda estaria vivendo, com a graça de Deus. Remedio de botica havia levado muita gente desta para melhor vida." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VI, p.20). "É porque você não conhece o Crapiúna, nem a Gabrina. Elle é o que se sabe, capaz de tudo, até de mandar gente desta para melhor; ella, uma bichinha teimosa como uma mosca, e ruimsinha que faz dó. Não se me dava de jurar que ella inventou aquella historia para desgraçar Alexandre... *Ronha* não lhe falta." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVII, p.63). "Tão livre como eu, que lhe estou falando. Tambem não foi sem tempo, porque si o pobre ficasse mais alguns dias na cadeia, talvez fosse desta para melhor. Saía dalli para a cóva." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIII, p.87)

- **METTER A MÃO NO FOGO:** não ter qualquer dúvida a respeito da integridade, da competência e do caráter de (alguém). Há outras equivalentes fraseológicos "botar a mão no fogo" ou"as mãos no fogo","pôr as mãos no fogo","pôr a mão no fogo por" ou"pôr as mãos no fogo por"[4]. "— Por ella eu púno; metto a mão no fogo..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 4). "Entre os pró e contra, prevaleceu o depoimento de Crapiúna, affirmando haver visto, á

[4] Postulamos a retrodatação feita por Houaiss (2025) de 1933 para 1903.

meia-noite, mais ou menos, um vulto com uma trouxa volumosa subir apressadamente a rua na direcção da egreja. Não jurava que fosse Alexandre, por não ter, em consciencia, absoluta certeza, e para que não dissessem que o accusava por andar enticado com elle; mas a verdade é que tinha o mesmo andar e a mesma estatura. Não o perseguira por não lhe passar, então, pela cabeça, a idéa de um crime tão vil. Belota confirmava, em todas as minucias, a historia do camarada, protestando todavia, que, até a vespera, seria capaz de metter a mão no fogo por tão bom moço; mas... a occasião fazia o ladrão..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VII, p. 23)

- **METTER (ALGUÉM) NUM CHINELLO:** humilhar, sobrepujar[5]. "— Deixem estar que ha de ser como as outras. Em boniteza, verdade, verdade, mette vocês todas num chinello. Aquillo é mulher para dar e apanhar – disse chasqueando um soldado de linha, destacado no curral do Açougue para manter a ordem, pois não raro rixavam e se engalfinhavam mulheres, ou se esbordoavam homens por futeis pretextos: houvera mesmo serios conflictos e luctas sangrentas, tão abatido estava, naquella pobre gente o senso mora (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 5)

- **METTER O RABO ENTRE AS PERNAS:** figurativamente, com ideia de"tornar-se ou mostrar-se amedrontado, tímido ou dócil" ou" não responder a um comentário, censura ou admoestação, por se sentir sem razão, culpado ou amedrontado". É uma expressão datada de 1543 em Houaiss (2021). "— Não houve nada. Juro-lhe á fé de Deus! Estavamos na casa da Commissão: eu no meu logar fazendo a relação da gente que era demais; elle, numa reinação, intimando com as mulheres. Chegou a Quinotinha em procura da ração do pae, que desmentira um pé; e o desaforado entrou a bulir com ella até fazel-a chorar. Aquillo foi me inchando no

[5] Também"botar no chinelo", com sentido de"mostrar-se superior num confronto; suplantar". Há uma informação, de caráter enciclopédico em Houaiss (2021), sobre a expressão: "Em 1712, na introdução do seu Vocabulário, Bluteau falava em"meter no sapato" com o mesmo sentido "Em congresso de matemáticos, desprovidos de palavras astronômicas, no meio da eclíptica ficarás às escuras; e em academias de filósofos, pela inópia de dialéticas expressões ao primeiro argumento te meterão em um sapato."

coração; perdi a paciencia, e não me pude conter. Metti os pés; cresci p'ra cima do cabra, e disse-lhe por aqui assim "Se o senhor não respeita a farda para provocar uma menina innocente, ha de respeitar um homem!..." Elle estremeceu; quis se indireitar p'ra mim, mas eu não o deixei esfriar, e accrescentei "Uma pouca vergonha que a gente não se atreve... Tamanho homem e, de mais a mais, soldado, andar aqui todos os dias, que Deus dá, com desaforos, até com meninas donzellas! Fique sabendo que não me mette medo; não me vou queixar ao sargento Carneviva, nem ao commandante!..." O mulherio abriu em roda; e o Crapiúna, vendo que eu estava decidido para o que désse e viesse, murchou; ficou fúlo de raiva e foi sahindo, lá elle, por estas palavras "Está bom! Não quero baticúm de bocca commigo..." E o povaréo caiu em cima delle com dicterios que faziam uma zoada doida: – Olha o valentão!... Metteu o rabo entre as pernas!... Cabra frouxo!... Vi que elle ficou damnado, mas, nem como coisa, continuei socegado o meu serviço. Quando o capitão José Sylvestre soube do caso, disse-me que eu tinha feito muito bem." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. V, p.16)

- **NÃO PENSAR COISA COM COISA:** com o mesmo sentido de"não dizer coisa com coisa", isto é,"não dizer coisa alguma com acerto; falar de maneira incoerente" ou ainda"não fazer coisa com coisa", com sentido de"agir de modo disparatado, sem ordem, organização ou coerência". "— Qual, filha! Andas tão atarantada que já não pensas coisa com coisa." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXV, p. 101)

- **NÃO TER RABO-DE-PALHA**: brasileirismo com a noção de" não ter mácula na honra, na reputação." [...] Ella prometteu não ir, mas cada vez mais desconfiada teimou, porque mulher, quando malda, não chega ao moirão com duas razões. Fugiu de casa quando estavam todos recolhidos e foi á lagôa. Não lhe conto nada. Ao amanhecer, deram por falta da moça. Foi um deus nos accuda. Ninguem dava noticias della. O noivo ficou como um doido; mas, lembrando-se da historia da mãe-d'água, poz-se a rastejar e encontrou o rasto da chinellinha da infeliz, bem marcado no caminho orvalhado." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p.106)

- **NÃO SE AFOGAR EM POUCAS AGUAS:** não se embaraçar com dificuldades mínimaS, isto é, não se abater por coisa pouca. "— Não supponha que ella esteja amuada... Qual o que!... Aquella não se afoga em poucas aguas, e a prova é que continúa a fazer o possivel para obter a sua soltura..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVI, p. 58)

- **OLHAR PELO RABO DO OLHO:** olhar desconfiado, sem demonstração[6]. "— Quem sou eu?... Quero evitar as más linguas, que não me poupam. Em homem nada péga, mas, em moça, tudo tisna. Eu confio em Deus acabar os meus dias, limpa como nasci do ventre da minha mãe... A pobreza não me affronta, porque tenho forças para trabalhar e ainda não cansei de soffrer. Sabe o que temo? Que façam pouco de mim, que me frechem com dicterios e caçoadas. Ás vezes, tenho impetos de estraçalhar uma dessas creaturas perversas que me olham pelo rabo do olho, rindo pelo canto da bocca, como si eu fôra uma ridicula... Quando o senhor fôr para a sua banda e eu para a minha, tudo acabará..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIV, p. 52)

- **NÃO PAGAR COM LINGUA DE PALMO:** de mau grado, de má vontade[7]." — Que anjo, que nada!... Sabe o que sou? Mulher e bem mulher, de cabello na venta. Ninguem m'as faz, que não pague com lingua de palmo. Chegou o meu dia... com dois proveitos num sacco: Crapiúna preso e Alexandre limpo de pena e culpa... Foi uma sorte! Viva o glorioso Santo Antonio! Ah!... si eu tivesse foguetes! Xii... tô... tô!...Viva Santo Antonio!... Vivô... Vivô!..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XX, p.80)

- **NÃO PÔR PÉ EM RAMO VERDE:** não permitir que alguém faça tudo o que que, não abusar; não se exceder; não poder realizar o que quer. "— Foi sempre uma desmiolada – accentuava uma velha. – Conheço-a desde menina. Era um diabinho em figura de

[6] Em Houaiss (2025), há registro da expressão" olhar com o rabo do olho", informalmente, com sentido de"olhar de esguelha", isto é, olhar de lado, de través, de maneira oblíqua. Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão na variação fraseológica do livro.

[7] Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão.

gente. Tambem a mãe, Deus perdoe os seus peccados, não se importava com ella; fazia-lhe todas as vontades... Sempre digo que essa criação d'agora não presta. Filhos muito senhores de si, por qualquer descuido, se desgarram. Os meus não punham pé em ramo verde. Muito amor, mas muito respeito e cabresto curto." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIII, p. 86)

- **RECEBER UMA DINHEIRAMA DE COIRO E CABELLO:** embolsar em dinheiro de forma demasiada por algum serviço prestado, produto ou trabalho. "— Mas a demora foi dar noticias de vosmecê, ficou ligeiro e alegre que não parecia o mesmo. Mediu... Mediu é um modo de fallar: fez a olho, as rações. Era o que a mão dava. Elle por uma banda e eu pela outra. E não fomos mais longe porque já era uma dôr de consciencia. O homem quer bem a vosmecês mesmo de verdade. Fez perguntas e reperguntas; quiz saber do puxado da tia Zephinha; si sá Luzia ainda estava na obra, si passou lá trabalhando o dia de ontem, um horror de coisas que fui respondendo só para dar-lhe gosto. Agora está como quer. Ha males que vêm para bem. Melhorou no emprego e recebeu uma dinheirama de coiro e cabello. (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p.105)

- **SER COMO MACACO POR BANANA:** usada para enfatizar o gosto por determinada coisa. " — Estava quasi requerendo – tornou o sertanejo. Por essa bebida, sou como macaco por banana. No tempo da fartura, eu era capaz de tomar uma canada de café por dia." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p.107)
- **TER CABELLOS NO CORAÇÃO:** ser cruel[8]." — Dizem que é criminoso. Muito provocante e atrevido, outro dia quase teve uma péga com o Alexandre por causa de umas liberdades, que quiz tomar com a Quinotinha. Não foi por ciume que o outro avançou em defesa da menina, uma criança inocente,

[8] Houaiss (2021) registra uma rica variação fraseológica, a saber "ter cabelo no céu da boca" ou"cabelos no céu da boca", com sentido, informal, de"ser insensível, implacável, cruel, perverso"; ou ter cabelos no coração", com sentido de" ter muita disposição ou muita coragem para realizar algo difícil, arriscado ou perigoso" ou" ser insensível, implacável, cruel, perverso". Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

coitadinha, que ainda não desceu o embainhado da saia. Só visto se acredita. Era preciso ter cabellos no coração para fazer o que elle fez e ter sangue de barata para supportar tamanho desaforo."(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IV, p. 12)

- **TER O CORAÇÃO A SALTAR/BATER PELA/NA/AO PÉ DA GUÉLA:** ao certo, reforça o equivalente à"ter sangue na guelra" ou, mais popularmente, "ter sangue nas veias", com sentido de "ser genioso, irritadiço, ser propenso a reação exaltada". Também ter o sangue quente." Quando lhe serenou o animo attribulado, teve impetos de repellir o insulto com represalias violentas, castigando, ella mesma, o insolente, custasse-lhe isto, embora, muita vergonha, muito opprobio, ou procurar auxilio na dedicação céga de Alexandre, com a qual sabia poder contar para a vida e para a morte; mas, demoveram-n'a desse passo, ponderações das consequencias de escandalo, um crime possivel e a punição. Não queria arriscar o moço, cuja alma impetuosa e forte, parecia adormecida sob apparencias de mansidão e doçura, como a lamina de uma faca acerada, escondida em bainha de velludo. Raulino era demasiado ardente; tinha o coração na guéla e seria capaz de estrepolias graves. Demais, por lhe haver prestado valioso serviço, pareceria exigir a paga com o apello ao seu concurso. Além desses, não tinha um coração amigo onde fosse haurir conselho e procurar o ineffavel allivio da confidencia, valvula benefica para o escoamento das magoas, pezares e desgostos. As moças da mesma edade, ainda não contaminadas pelo virus pecaminoso, que empestava o ambiente, evitavam-n'a com maneiras timidas, discreto acanhamento, como não fossem eguaes na condição e infortunio." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IV, p. 14). "— Nada... – respondeu ella de olhos baixos, hesitante. – Sempre que tópo com aquelle soldado, o coração me bate ao pé da guéla e fico meio suffocada... É preciso ter muita paciencia..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XV, p. 51)"— Si contas com aquella, ficas desabotoado toda a vida. Tome o meu conselho, seu Crapiúna. Quem me avisa, meu amigo é. Deixe a Luzia de mão. Olhe que lhe acontece desgraça, quando menos pensar. Você tem sangue

na guelra e o Tome coração perto da guéla. Tome cuidado."(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XV, p. 57)

- **TER O FIO DA MEADA:** figurativamente, ter o encadeamento de uma trama, uma narrativa, um raciocínio. "Ah! miseravel; tenho aqui o fio da meada!" (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVIII, p.71)

- **TER OS PÉS NA CÓVA:** estar morto. "—Buzões?!... Conheci um moço que foi enfeitiçado por uma rapariga, embellezada por elle. A creatura, de repente, ficou toda torta, como se lhe désse o ar... Ave-Maria; foi murchando, seccando até ficar pelle e osso. Parecia mais um defuncto em pé, que gente viva. Desenganado de remedio de botica, foi se receitar ao padre João Chrysostomo; chupou chave de sacrário do Santíssimo, mandou fazer orações fortes... Foi bobage... A felicidade delle foi topar uma cigana, que lhe deu contra-feitiço, uns pózes para beber com leite de peito... Santo remedio, menina!... Uma coisa é vêr outra é dizer, como elle se levantou, já tendo os pés na c**óva.**" (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIII, p. 48)

- **TER PANOS PARA AS MANGAS:** equivalente ao sentido de"dar panos para mangas", isto é, dar motivo para comentários, dar o que falar. "— Vamos seu Belóta – ordenou o sargento – Bote para fóra o que sabe. Vamos que temos panos para mangas..."(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XX, p. 77)

- **TER SANGUE DE BARATA:** figurativamente, não gostar de briga, não reagir a provocações."Era preciso ter cabelos no coração para fazer o que ele fez e ter sangue de barata para suportar tamanho desaforo." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IV, p. 12)

- **TER SANGUE NA GUELRA:** figurativamente, equivalente a"ter sangue nas veias", ter gênio exaltado, enfurecer-se com facilidade. "— Si contas com aquella, ficas desabotoado toda a vida. Tome o meu conselho, seu Crapiúna. Quem me avisa, meu amigo é. Deixe a Luzia de mão. Olhe que lhe acontece desgraça, quando menos pensar. Você tem sangue na guelra e o coração perto da guéla. Tome cuidado" (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XV,

p. 57). "[...] Passamos tres dias como noivos: elle, fino como seda; eu, cheia de denguices e manhas, como rapariga donzella. E contudo, Luzia, você não é capaz de acreditar que, amimada pelo Bentinho, todo delicadezas e cerimonias, tinha saudades do Bertho com o seu sangue na guelra, aquelles olhos devoradores, aquella brutalidade..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XV, p. 67)

- **TIRAR O CAVALLO DA CHUVA:** desistir de ideia, projeto ou pretensão, por não haver hipótese de êxito. Também se diz" tirar o cavalinho da chuva"." — Tira o cavallo da chuva e conta a historia direito, Crapiúna. Todas as mulheres são iguaes e merecem tudo; a demora é grelar no coração o capricho, principalmente, quando resistem. Fôra ella um monstro da natureza; paixão não enxerga nem repara e, quando nos ataca, é como o sarampo: até jasmim de cachorro é remédio. E deixa falar quem quizer, que é soberba, sonsa, mal ensinada... Ella não é nenhum peixe podre. Não reparaste naquelles quartos redondos, no cacúlo do queixo, na bocca encarnada como um cravo?! E o buço?!... Sou caidinho por um buço... Ella quasi que tem passa-piolho, o demonio da cabrocha..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 6)

- **VER COM OS OLHOS E COMER COM A TESTA:** admirar e não poder possuir. "E como o soldado, em cujo coração se derramara fel, ficasse a scismar, Belota affastou-se com um gracejo ferino: – Alli é vêr com os olhos e comer com a testa ou lamber vidro de veneno por fóra, como rato de botica. Toma o meu conselho. Não te mettas com a bruxa que cheiras vara!"(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 7)

- **VIRAR PELO AVESSO O JUÍZO DE UMA CREATURA:** figurativamente, modificar para pior a forma de comportamento. "[...] Quanto á remoção, até dava graças a Deus por se vêr livre daquella cambada de retirantes nojentos e leprosos, cujo aspecto, em jejum, causava engulhos; seria, entretanto, melhor sahir da obra por sua livre vontade e não por queixa... E logo de quem? De Luzia-Homem... Oh? o diabo daquella sonsa era capaz de virar pelo avesso o juízo de uma

> creatura, e provocar muita desgraça por causa daquelle imposão de querer ser melhor que as outras... Tirando-lhe a força bruta, não passava de uma pobre tatú, que só tem por si o dia e a noite.". (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 6)

BIBLIOGRAFIA

MARTINS, Vicente de Paula da Silva. **Luzia-homem**: dicionário de cultura linguística. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.
OLYMPIO, Domingos. **Luzia-Homem**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, [1903] 1929.

Bendito entre as mulheres!

Da esquerda à direita, estão: Luciene (esposa, companheira constante), Rose (orientadora, guia inspiradora), Socorro Aragão (examinadora, rigorosa e atenta), Ortiz (homenageada, pilar da trajetória acadêmica), Pelosi (examinadora, sabedoria e dedicação), Cleci (examinadora, olhar crítico e cuidadoso), Maria Soares (examinadora, experiente e esclarecedora) e Lúcia Fulgêncio (examinadora, sagacidade e sensibilidade).

Este registro simboliza a defesa da tese de doutorado intitulada "Estratégias de Compreensão de Expressões Idiomáticas por Não Nativos do Português Brasileiro", de Vicente, defendida na Universidade Federal do Ceará (UFC, Fortaleza, 2013). Uma conquista que é, em grande medida, também fruto da sabedoria, dedicação e acolhimento dessas mulheres incríveis que participaram desse momento singular.

Pedro & João Editores
pedroejoaoeditores.com.br

ISBN 978-65-265-2060-4